

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

República Aquarius: a maior república estudantil das Américas.

Machado, Otavio Luiz.

Cita:

Machado, Otavio Luiz (2013). *República Aquarius: a maior república estudantil das Américas*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/2>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/Qpb>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



Otávio Luiz Machado

AQUARIUS

**A maior república
estudantil das Américas**

OURO PRETO — MINAS GERAIS, BRASIL



Copyright 2013 by Otávio Luiz Machado

Capa: Pós Imagem Design (Rio de Janeiro-RJ)

<http://www.posimagem.com.br/>

Fotos de capas: Superior (arquivos da República Aquarius);
Inferior (Paulo Eustáquio Carvalho, Join).

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editoras Ferjal e Prospectiva

República homenageada: República Aquarius
www.republicaaquarius.com.br

Machado, Otávio Luiz. **Aquarius: A Maior República Estudantil das Américas. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil (seu contexto dentro da história das moradias universitárias brasileiras)** – Frutal: Prospectiva; Fernandópolis: Ferjal, 2013.

Inclui Bibliografia

ISBN:

1. Estudantes universitários – Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil.
CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:

Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-MG

E-mail: otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575

SUMÁRIO

Prefácio	03
Um breve começo	05
Um Pouco da História das Moradias Estudantis Tradicionais no Brasil e nas Américas	19
Ser “Aquariano”	43
A História da Aquarius que não Vivi (ou aspectos da História Aquariana)	53
A República Aquarius nos Tempos em que lá Estive	79
Um livro, um reencontro	92
Um Até Logo	94

PREFÁCIO

Não é possível imaginar pessoa mais indicada para escrever este livro. O professor Otávio Luiz Machado (ex-aluno Jaka), apaixonado pelos movimentos estudantis e pela juventude brasileira, compreende como poucos a experiência que se tem em um ambiente tão rico e peculiar como as repúblicas federais de Ouro Preto. Essa compreensão se dá não apenas pelos anos que passou na Aquarius enquanto morador, mas também pela sua incessante busca de conhecimento sobre o assunto. Seu registro é vasto: são milhares de fotos dos mais diversos eventos republicanos e centenas de horas de entrevista com reitores, ex-alunos, estudantes e comadres que participam de diferentes formas e enxergam em diferentes cores o que é a vida republicana.

O título do livro não distorce a realidade. Esta é a Aquarius, "A maior república estudantil das Américas". Cabe uma observação: A casa é grande sim, mas maior ainda é o sentimento que os aquarianos nutrem por ela. Somente isso explica a perpetuação das tradições da casa. A Aquarius é, de fato, palco de muitos aprendizados, é um local onde a diversidade se faz presente e os conflitos inerentes à vida em comunidade são constantemente superados. A casa conta hoje com mais de 40 anos de história e certamente não é a mesma que era em um passado recente ou distante. Os moradores mudam, a casa muda também. A casa é um ambiente de transformações constantes, mas através dos relatos do autor é possível concluir que a essência desse sistema de moradia estudantil e os valores disseminados na Aquarius encontraram solo fértil em cada uma das gerações que passou por aqui. O morador de hoje se identifica de imediato com as muitas histórias contadas nesse livro e frequentemente pensa:

"aconteceu parecido comigo há pouco tempo".

Esse livro, já muito aguardado, torna-se um inestimável registro da história aquariana. Para aqueles que já conhecem a república, o livro é uma oportunidade de conhecer um pouco mais da sua história e relembrar os bons momentos vividos aqui e, para aqueles que ainda não conhecem, fica o convite para conhecer **A maior república Estudantil das Américas: Aquarius, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.**

Atuais Moradores da República Aquarius

HOMENAGEM: São os seguintes nomes que estão honrando essa História e construindo sua trajetória fazendo a História da Aquarius atualmente: Gustavo Dimas Chaves Barbosa (**LIGADOR**) – Gustavo Ferreira Correia (**PROZARUIM**) – Calebe Bortolini Sette da Silva (**CASCÃO**) – Samuel Sabino Freitas (**CAGUETE**) – Jhony Alan Tavares Ferreira (**TAPAIADO**) – Brunno Lima Rodrigues (**EXAUSTOR**) – Francisco Fabrício Nogueira Coelho (**DR**) – Rafael Magno Lanza Meirelles (**MOTHERFUCKER**) – Filipe Sá e Rocha (**BRUTUS**) – Bruno de Oliveira Rocha (**MENOTTI**) – Ralf Soares de Mello (**JÔ SUÃ**) – Og Jacy Caboçu Pires (**BANHETA**) – Caio César Silveira (**HELLMANN'S**) – Germano Alves Batista (**SELTON, Ô MELO**) – Vinícius Rossi Oliveira (**ANGU**) – Tiê Ferraz Pelicão (**ZÉ PÃO**) – Murilo Ferrarezi Chiari (**VÊRMEI**) – Angelo Teixeira dos Santos Neto (**GAZÉLIO**) – Jorge Bruno Araujo (**CAPADÓCIA**) – Gustavo Fernandes Leite Carvalho (**NUTRONCO**).

Um breve começo ...

“Uma juventude é marcada por seu tempo” (Walter Jaide)

O livro **AQUARIUS: A MAIOR REPÚBLICA ESTUDANTIL DAS AMÉRICAS, OURO PRETO, MINAS GERAIS, BRASIL**, que surgiu de uma ideia por mim desenvolvida e compartilhada com todos os aquarianos desde a festa dos 30 anos da nossa querida República Aquarius (em 1999), sendo considerado naquele período por um dos nossos ex-alunos como um “Resgate da Memória Humana e Solidária da República Aquarius”, só ganhou uma dimensão de obra publicada agora como o primeiro livro lançado pela Editora Prospectiva, da qual sou o seu proprietário. A Editora Ferjal contribui na sua edição, também.

A nossa preocupação não foi a de fazer a “história oficial” da Casa, mas sim a impressão de alguém que vivenciou, aprendeu e contribuiu para o que hoje podemos chamar de “espírito aquariano”. É uma obra coletiva em todos os sentidos.

Também é uma obra que construiu sua própria história. No projeto **RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS DA UFOP** tive a oportunidade única de desenvolver o primeiro trabalho sobre o sistema de repúblicas estudantis de Ouro Preto, tendo novamente outra chance de conhecer muito mais sobre a história da República Aquarius, como foi o caso das fotos da época dos ex-alunos Rafael Ayres (com a imagem de vários aquarianos dos anos 1970) e Zé do Coura (várias imagens dele como *bixo* circulando por Ouro Preto), do depoimento do

ex-aluno Campolina e das falas diversas do Join.

Em função desses trabalhos sobre a história das repúblicas de Ouro Preto, como muitos me questionavam sobre aspectos da história da moradia universitária no Brasil, então foi necessário aumentar o leque das pesquisas para tentar colaborar com esse tema e ajudar os inúmeros pesquisadores e estudantes que não tinham onde recorrer para seus trabalhos.

Aqui não escreve apenas alguém que incorporou a preocupação republicana em deixar para as futuras gerações uma parte do seu contributo, mas um pesquisador e educador que enxerga no trabalho agora apresentado uma estimulante forma para permitir que cada novo morador de uma república ou casa de estudante perceba de imediato ao fazer a leitura do livro que a experiência acumulada pelas repúblicas é fruto daquilo que todos nós deixamos das nossas ações, convivências, idéias e amor a esse sistema de moradia, que foi construído ao longo de décadas por uma coletividade que a ergueu para a humanidade e não somente para si.

Ao visitar a República no final de 2010 senti de novo que algo deveria ser feito nesse sentido, pois quase um mês convivendo com aquelas pessoas que em nenhum momento havia convivido antes - sempre voltei pouco após a minha saída da casa – tive a impressão de que só de estar naquele ambiente em poucos dias como ex-aluno imediatamente minha presença se associava de tal forma ao espírito da Casa dando-me a sensação legal de como se estivéssemos juntos desde muito tempo. É uma experiência única e repleta de significados para a existência e a formação humana.

Mas o que me motivou ainda mais a retomar uma publicação sobre a Casa foi a certeza de que a Aquarius estava muito melhor em relação ao período em que a conheci e vivi

intensamente como *bixo* e morador, pois não escreveria uma história-museu, mas uma história viva. Uma das inovações foi a janta coletiva do domingo, o corte nos chamados favores pessoais excessivos que os *bixos* eram obrigados a fazer pelos veteranos, a maior manutenção da estrutura física da Casa, a tentativa mais insistente de trazer os ex-alunos nas festas tradicionais, a abertura de vagas para todos os cursos da UFOP e a melhoria na estratégia de contar com mais presença feminina nas festas da República.

Como não queria mais tratar a história da Aquarius como um simples estudo de um pesquisador – mesmo tendo um bom material coletado anos atrás e o domínio melhor dos métodos e técnicas de pesquisa -, passei então a ir atrás de algumas pessoas que poderiam não apenas aumentar as informações que já tinha, mas também visando ampliar minha convicção de que o momento de publicizar a nossa História havia chegado.

Também achei justo incluir nesse livro um pouco da história da moradia universitária no Brasil e das Américas, pois falar da grandeza da Aquarius exigia-me contextualizar sobre uma história da qual ela faz parte, sobretudo acerca da dimensão da formação humana nessas moradias universitárias do nosso País tão bem divulgadas nos estudos que empreendi.

O título foi bem audacioso, mas é fato que não existe em nenhum outro País das Américas uma moradia estudantil configurada como República com tantas pessoas, histórias, espaço físico e contribuições, como é o caso da nossa querida República Aquarius.

Desde o início sabia que não estava falando de uma moradia estudantil qualquer, mas ao aprofundar minhas análises fui constatando que ao falar da grandeza de uma República não poderia me basear apenas em números ou

estatísticas para defender os meus argumentos e iluminar minhas ideias, mas a certas condições sociais e simbólicas não encontradas em nenhum outro lugar com tanta intensidade.

Uma delas refere-se à seleção dos futuros membros da República, que não ocorre por meio de credenciais financeiras, sociais, geográficas, nomes familiares, condição sócio-econômica etc. Se se convivem entre si estudantes com as melhores condições de permanência num curso superior com os que não tiveram nem o mínimo de condições de quando entrou por aquelas portas adentro, portanto o sistema de seleção pelos próprios moradores tem sido exitoso, porque se aliam o interesse das pessoas de morar ali com as afinidades que vão sendo traçadas no período de batalha de vagas. Nisso a Aquarius sempre se destacou em termos de pluralidade e de diversidade.

A Aquarius está protegida dentro de uma cidade de estudantes como Ouro Preto, que com mais de 300 anos e carregando os títulos de Monumento Nacional e Patrimônio Cultural da Humanidade, possui uma tradição estudantil responsável em boa parte pela preservação dessa cidade, sobretudo a partir do período em que ela perdia o título de Capital e 50% de sua população ao mesmo tempo (em 1897).

Não existe moradia alguma no mundo como a Aquarius, marcada pelas características de estar tão próxima de diversos monumentos arquitetônicos (ou referências singulares da história do Brasil) ao mesmo tempo numa distância que não ultrapassa uns 500 metros: Museu da Inconfidência, Casa dos Contos, Igreja São Francisco de Assis, Igreja São Francisco de Paula, Teatro Vila Rica, Ponte dos Contos, Igreja do Pilar, Cine Vila Rica, Museu Casa Guignard, Praça Tiradentes, Grêmio Literário Tristão de Ataíde (GLTA), Casa de Gonzaga, Casa de Marília, Palácio

dos Governadores, Câmara dos Vereadores, Parque Metalúrgico (hoje restaurado e mais conhecido como Centro de Convenções), IFAC, FAOP, antigo Jardim Botânico, Morro da Forca, Centro Acadêmico da Escola de Minas, primeira sede da Escola de Minas, Escola de Farmácia, etc etc etc. Aqui engloba assuntos ligados a áreas tão diversas, como História, Letras, Artes, Educação, Ciência, Economia, Administração Pública, Política, Geografia, meio ambiente, geologia e muito mais numa pequeníssima faixa ao redor da República Aquarius.

Também estamos falando de um contingente humano expressivo que passa cotidianamente nas imediações da Aquarius, cujo trajeto Rua Direita-Praça Tirantes/Rua do Paraná-São José é o corredor que inevitavelmente toda a população da cidade utiliza, sem contar os turistas todo o ano (e em especial nas épocas de festas tradicionais passam na frente da nossa sacada, como no carnaval, na Semana Santa, no 21 de abril, no inverno de julho, no 12 de outubro etc) vindos dos mais diversos pontos do planeta.

Uma casa universitária que consegue hospedar nos seus espaços um contingente significativo de pessoas (teve épocas com mais de 100 pessoas ao mesmo tempo) ou que mantém durante as quatro estações do ano a visita constante de pessoas individualmente ou em grupo não se pode desconsiderar, como as excursões recebidas com mais de 40 pessoas, ou as tradicionais festas carnavalescas ou o 12 de outubro na qual é possível que passe por ali em dois ou três dias milhares de pessoas.

Se estamos falando de uma cidade universitária cuja atração turística-cultural é significativa para o conjunto da cidade, o que temos de considerar no aspecto de suporte econômico para cidade não é pequeno, sem contar que todas

essas pessoas registram com qualidade e durabilidade o nome da cidade nos quatro cantos do mundo, sejam os nossos ex-alunos e as nossas ex-alunas, sejam as próprias pessoas que visitam a cidade em função desse espaço universitário.

A Aquarius está no meio de tudo. Não existe outra República que se destaca como a maior do seu território, considerando que estamos falando de um lugar com mais de 300 moradias que tentam seguir um modelo parecido. Não temos isso em lugar algum do mundo. Não só nas Américas.

Isso só em Ouro Preto, tendo a nossa República como destaque por estar mais de 40 anos no mesmo endereço (com o maior espaço físico e vagas para estudantes em toda a cidade) sem nunca ter algum risco de intervenção na sua auto-gestão, de descontinuidade ou de extinção da sua organização, mesmo sendo fundada num período de recrudescimento da ditadura civil-militar, de um sistema universitário marcado por grandes cortes de recursos e próximo do sucateamento na última década etc.

Se estamos falando de uma República que se encontra no maior sítio urbano tombado das Américas e agrega um conjunto de características singulares para os seus membros e ex-membros, também estamos de um profusão de apelidos, de gírias, de cerimoniais acadêmicos, de imagens arquivadas e de histórias passadas de geração a geração que constituem um acervo histórico e cultural estudantil difícil de ser encontrado em outro lugar.

Muitos fragmentos estão sendo aqui utilizados para recompor a memória da República Aquarius, como gravação de festas do 12, registros escritos dos arquivos da República, entrevistas, minhas próprias memórias, etc. O temor de perder todo o material ou até de ficar impossibilitado de fazer um trabalho específico sobre a República Aquarius nos próximos

anos justificou a pressa na realização desta obra, que considero o primeiro trabalho voltado especificamente aos aquarianos, aos seus amigos e amigas, aos demais republicanos, às pessoas da cidade de Ouro Preto e tantas outras que poderão se interessar por tudo isso.

O que posso dizer que o livro aqui apresentado - dentro dos seus limites - é que o mesmo surge como um primeiro resgate. Não tenho competência no momento para trazer tudo que precisava de uma única vez. E nem tudo que a nossa Casa merece, incluindo tudo que precisa ser escrito para termos mais elementos sobre o conjunto da nossa História.

Nada disso que está escrito aqui seria possível sem o convívio com a NAÇÃO AQUARIANA. A todos que são Aquarius deve vir não apenas um agradecimento ou a expressão de um reconhecimento, mas o sentimento de que essa República precisa ter para a sua continuidade muito mais do que isso, que é a construção sempre presente do seu futuro e a certeza de que não podemos deixar de escrever essa história e valorizá-la ao máximo, porque ela é de todos nós.

Obrigado a todos os moradores atuais que constroem o futuro da Aquarius, mas fica aqui a homenagem aos ex-alunos que passaram por essa casa e fizeram a história de fato: Adair José Ferreira (**CHAMINÉ**) - Adilson de Miranda Soares (**PARAÍBA, PIRAÚ, CARIOCA**) - Albert Akio Costa Nakayama (**LERDEX**) - Alder Marcelo de Souza (**MARUZZO**) - Antônio Roberto Ribeiro (**TONHO**) - Alexandre Cagnani (**PESÃO**) - Álvaro José da Cunha (**MATIPÓ**) - Anivaldo Coelho de Souza (**ANIVALDO**) - Antônio Aluísio Costa Mendes (**TROPEIRO**) - Antônio Camilo Cruz Júnior (**ZEBU**) - Antônio Celso Dias Façanha (Garfim) - Antônio Celso Dias Façanha (**GARFIN**) - Antônio Claret Sabioni (Clarezão) - Antônio Felipe Harboe (**FELIPE, FELIPÃO BICUDO**) - Antônio Francisco de Paula (**MIRTIN**)

– Antônio Fizzola (**TONINHO**) – Antônio Francisco de Paula (**MIRTIN**) – Antônio Landi Borges (**101**) – Antônio Moreira Campolina (**CAMPOLINA**) – Antônio Realino de Paula (**MILTIN**) – Antônio Roberto Ribeiro (**AZAMBUJA**) – Antônio Sérgio Veiga Alves (**BRECHA**) – Bartolomeu Mitre Vasconcelos de Assis Chaves (**PITA**) – Bruno Rosa Marques (**BULAXU**) – Caio Márcio Guerra Simões (**CAIO**) – Carlos Alberto Cosmo (**BINHA**) – Carlos Eduardo de Andrade Ayres (**BUNITIN**) – Carlos Eduardo Lourenço Pereira (**NAZZAL**) – Carlos Henrique Babsky Neves (**QUICA, KIKA**) – Carlos Jorge Andrade (**SILIBIN**) – Carlos Roberto Braga (**BUTÃO**) – Cássio Lamberti de Mattos (**BEIJIN II**) – Celso Carvalho Magalhães (**JABUTI**) – Celso Moreira Campos (**CELSIM**) – Cilso de Paula Vargas (**CILSÃO**) - Claudinei Oliveira Cruz (**STÓPA**) – Cleiton Nazareth Silva (**SANTA RITA**) – Deraldo Alves de Almeida Filho (**CHUPA BICO**) – Deusdete José Ferreira (**DEU-7**) – Diego Maciel Mota (**TRAZIDO**) – Dirceu Alves Filho (**TEO**) – Edilay Viana Velame (**MOCÓ**) – Edson Esteves Campos (**POMBINHA**) – Eduardo Alexandre dos Santos (Penumbra) – Eduardo Rogério de Souza (**PERNI**) – Edvane Andre da Silva (**RONALDÃO**) – Elexander Amaral de Souza (**KADRON**) – Elinaldo Coutinho Moraes (**MARANHÃO**) – Erico Barbosa de Carvalho (**JATOBÁ**) – Erivelton Luiz de Souza (**ALTO-FALANTE**) – Eugênio Ferraz (**EUGÊNIO, GENIN**) - Eugênio Teixeira de Oliveira (**ZURETA**) – Evaldo Francisco da Costa – Evandro Bontempo – Fabiano Emiliano Antônio Martins dos Santos (**XING-LING**) – Fábio de Paiva Brumano (**ANTA**) – Fábio Lúcio Martins Júnior (**BIXO MAGRO**) – Fábio Ribeiro Frota (**BEIGIN**) – Fabrício Aparecido dos Santos (**HOMERENGO**) – Fabrício Martins Pacheco (**K-BRITÃO**) – Fabrício Ricardo de Oliveira (**JUCA CIPÓ**) - Fernando Antônio Nogueira de Oliveira (**PIAU**) – Francisco Garcia Gonzales (**SÃO CHICO**) – Frankneli Araújo (**IN-BRANCO**) – Frederico de Amorim Carvalho (**GREGO**) –

Gabriel Tadeu Franqueira Junqueira (**GABRIEL, HURTZ**) – George Luís Pessoa Ayres (**JORGIN**) – Geovani Padilha (**PETECA**) – Geraldo César Dias Belligoli (**JEGUINHO**) – Geraldo Donizetti de Paula (**TIBAGI**) – Geraldo Queiroz Guimarães (**TUMATE, K-BEÇÃO**) – Gilberto Bontempo – Gilmar Pires da Silva (**MATOSÃO**) – Gilson Carlos de Paiva (**PINGA**) – Gilton Rojas Ortuño (**ROIA**) – Guilherme Martins (**PINGUIN**) – Gustavo Costa Mendes (**ILHA**) – Gustavo Eпов de Almeida Prado (**GRILO**) – Gustavo Fontes Lopes (**FINIM**) – Herbert Pinheiro Filho (**CEBOLINHA**) – Hiller Geraldo Vieira Araújo (**PASTOR**) – Hiuller Castro Araújo (**RAMONA**) – Idemilson Donizetti Mariano do Prado (**GISELE**) – Inácio de Loyola Martins (**LOIOLA**) – Jean Marc Lopez (**JEAN MARQ**) – Jeferson Cerqueira Viana (**TETÉIA**) – João Batista Furlani Sotto Mayor (**JÃO TRONBETA**) – João Carlos Vieira (**BATATA**) – João Del Rey da Costa (**XUVISCU**) – João Luis B. Vasconcelos Braga (**TUBARÃO, JOÃO TUBARÃO**) – Joaquim Carlos C. Megre (**QUINQUINHA**) – Joaquim Pedro de Toledo (**CASTOR**) – Jorge Eustáquio Fernandes (**JARARACA**) – Jorge Ney Esmeraldo (**CEARÁ**) – Josálvaro Guimarães de Castro (**FEIO, RINSO**) – José Alves Machado – José Carlos Mendes (**CALANGO**) – José Carlos Sales Campos (**ANTIGO**) – José Costa Júnior (**GARI**) – José de Assis Barbosa Júnior (**MATIPÓ**) – José de Freitas (**K-DELÃO**) – José do Patrocínio Filho (**PETRÔ, PETROLINO**) – José Fernando Coura (**ZÉ DO COURA**) – José Flávio Campos (**FLAVINHO, FLAVIN**) – José Realino de Paula (**MANGABINHA**) – José Wilson Silva Corrêa – Júlio César Mendes (**JULIÃO**) – Júlio César Versiani Costa (**ANEMIA**) – Leandro César Ferreira de Carvalho (**CEBOLA**) – Leonardo Lucas Peixoto Rodrigues (**DIURÉTICO**) – Leonardo Martins Graça (**BAKANA**) – Leonardo Polese Alves (**CHAPA**) – Licurgo Miguel de Deus – Lorival da Silva (**MORIVAL**) – Luís Alberto Pessoa Ayres (**LULU**) – Luís Cláudio Araújo de Paula (**LIZIN**) – Luís

Gonzaga Bertão (**BERTÃO**) – Luís Gonzaga Queiroz (**GELATINA**) – Luiz André Pinheiro Guedes de Uzeda (**BARRIL**) – Luiz Cláudio Babsky Neves (**KUKA**) – Luiz Gonzaga de Carvalho (**JOE TROMBADA**) – Manoel Ferreira Filho (**MANÉ CACHAÇA**) – Marcelo Araújo Couto (**JAMANTA**) – Marcelo Augusto Gonçalves Siqueira (**TCHETCHELO**) – Marcelo Gomes de Araújo (**MELEKÃO**) – Marcio Couri – Márcio Kleber Peixoto Fagundes (**MARCINHO**) – Márcio Roberto Duarte (**BRONCO**) – Márcio Teixeira Alves (**CAJURI**) – Marco Antônio Camargos de Mendonça (**TATÃO**) – Marco Antônio da Cunha (**BINHA**) – Marco Aurélio de Matos Filho (**CAPETA**) – Marco Aurélio Garcia de Oliveira (**LÉO**) – Marcônio Pereira de Magalhães (**BAÉ**) – Marcos Arthur de Mendonça (**MARQUINHO**) – Marcos Bertolaccioni Baeta (**ZÉ CARNEIRO**) – Mário Márcio do Nascimento – Mario Nasser Martins (**BORAT**) – Maurício Mendes de Souza (**KABECINHA, K-BECINHA**) – Mauro Muzzi Cabral (**KSK, MAURINHO, MAURIM, MAURIN**) – Milton Realino de Paula (**VAGÃO, MILTON VEIO**) – Misael Silva – Nestor Jorge de Andrade (Nestor) – Nicolau Vicente Weysfield (**VÉIO**) – Nilom Alves da Silva – Onidio Teixeira Pinto Júnior (**MAGICLICK**) – Orlando Ferreira Gomes (Botiô) – Orlando Souza Júnior (**DINORAH, ORLANDINHO**) – Osmar Cabral (**CABRAL, BANDIDO**) – Osmar Pereira da Silva (**CHINÊS**) – Otávio Luiz Machado (**JAKA**) – Paulo Cesar de Cerqueira (**PC**) – Paulo Estácio Carvalho (**JOIN**) – Paulo Roberto Magalhães Bastos (**PAULINHO MARAMBAIA**) – Paulo Sérgio Rocha de Souza (**MIT**) – Paulo Sérgio Siqueira (**PREXEDA**) – Pedro Ernesto Tameirão Rios (**PEDRINHO**) – Pedro Figueiredo Landi Borges (**TCHURA**) – Pedro Nicolás Rapetti Leguizamón (**PEDRO**) – Pedro Paulo Natali (**MAGOO**) – Polian Mol e Marques (**PARDAL**) – Rafael Henrique de Freitas (**EM-NORMAL**) – Rafael Pessoa Ayres (**NENEM, NENÊ**) – Raul Mateus da Silva Júnior (**TIXICO**) – Reginaldo

Dias Machado (**XACRETE, XAXÁ**) – Resier Batista de Oliveira (**MORCEGÃO**) – Reynaldo José de Castro (**GOIANO**) – Ricardo Soares Mariote (**BAGAÇU**) – Robson de Miranda Soares – Rodrigo Coutinho Del Piero (**DELTA-T**) – Ronan de Freitas Santos (**BARRIGADA**) – Roney Sandrelli de Almeida (**MÔNICA**) - Santelmo Xavier Filho – Sérgio Martins Pacheco Neto (**ARANHA**) – Sidharta Mendes Monteiro (**CIDINHA**) - Silvio Benedito Gonçalves (**SILVIN**) – Silvio Seura Júnior (**SILVIN**) – Sinval Coelho Macedo (**SINVAL**) – Tarcísio Ferreira Dias (**VIDA-SECA**) – Teófilo José Fernandes (**TIUFIN**) – Thiago Barros Gomes (**DEDINHO DE OURO**) – Tiago Araújo Camilo (**FERRUGEM**) – Tiago Osório Moreira (**CONFÚCIO**) – Túlio Prates da Silva (**MOMÔ**) – Vicente de Paula B. Moreira (**KUAIADA, COALHADA**) – Wadson de Abreu Santos (**MIOLO**) – Walter José Borges Filho (**TARUÍRA**) – Walter Lukschal Soares Júnior (**LUKSCHAL**) – Wéverton Campanharo Alonso (**VÉIO**) – Willer Lara Gischewski Monteiro (**PHÓSFRO**) – William Moraes Chaves (**JUQUIRI**) – William Nogueira Lemos (**JEQUERI**).

Os **HOMENAGEADOS** pela Aquarius são os seguintes nomes: Claudia Pessoa, Fernanda Paiva (Fefa), Bob-Galo e as ex-cumadres Jandira e Regina.

O livro é dedicado aos aquarianos de ontem, de hoje e do amanhã, às cumadres, ao povo de Ouro Preto, visitantes, amigos da Aquarius e à comunidade universitária da UFOP. E à todos os que residem ou residiram em outras moradias estudantis, nosso igual respeito e homenagem.

Nossos agradecimentos ao Rafael Ayres pela honra de nos permitir ter uma capa produzida pela sua importante Pós Imagem Design, ao Paulo Eustáquio Carvalho (Join) pela foto de capa, aos aquarianos com minha gratidão eterna (sempre!) e ao Altair Petracchi pelo apoio que ajudou na viabilização da obra. E à Editora Ferjal por tornar o livro uma realidade!

Na finalização do livro tivemos a colaboração de Ilana Mendonça que trabalhou no design da capa, sob a direção de arte do nosso prezado ex-aluno Rafael. Na Editora Ferjal foi demais a atenção prestada ao nosso livro pela diretora Angela Maria Moretti, sem contar ao trabalho do Thiago na organização de todo o material do livro para a devida impressão de qualidade da Ferjal.

Não poderia deixar de agradecer aos aquarianos que atuam pela preservação da história da Aquarius, como o ex-aluno Join. Bem como do atual morador Caguete. Não só eles, mas todos. No texto do Caguete em homenagem às “cumadres” – em especial a atual “cumadre” Lucrécia – é algo que ilustra uma preocupação mais do que especial no tocante aos registros e à comemoração de datas significativas da Casa.

Foi no dia das mães de 2013, quando fez referência a uma homenagem prestada à “cumadre” Lucrécia em 2012 pelos seus 10 anos de serviços prestados para o bom andamento da nossa eterna Aquarius. Sua homenagem a estendemos a todas as “comadres” das repúblicas de Ouro Preto-MG: "Eu não tinha nada, a República me deu tudo". Foram as palavras da Lú no momento da sua homenagem na república. Em parte isso pode até ser verdade, mas sem dúvida nenhuma o maior presente que foi dado nesses anos todos de convivência foi o aprendizado que ela nos passou e o carinho com que ela sempre nos tratou! Mais uma vez, OBRIGADO LÚ!!!

A minha volta a um dos espaços que estão marcados como grandes referenciais na minha vida no final de 2010 foi extremamente importante para a retomada e a conclusão desse livro. Estar novamente na República Aquarius me deixou mais convicto de que tinha a responsabilidade de terminar um livro que vai eternizar a história da nossa Casa.

Sempre contribuí para produção de cidadania aos movimentos juvenis. Sou um dos apoiadores da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (SENCE), que nasceu nos anos 1980 com o objetivo de construir uma pauta voltada à assistência estudantil e à superação das políticas públicas atrasadas na área. Sou muito grato pelo convite da SENCE para estar participando de um dos Encontros Nacionais de Casas de Estudantes (ENCE), que foi em 2009 na Universidade Federal do Pará (UFPA). Estive ali com estudantes de todo o País por alguns dias dando minha humilde contribuição.

Também tenho a noção real da tripla condição que me encontro nesse livro: a de autor da obra, de ex-aluno que retrata a história da qual faz parte e a de editor que trabalha arduamente para que a obra seja viabilizada, divulgada, debatida e utilizada para o crescimento intelectual dos atuais moradores de repúblicas ou de casas de estudantes do Brasil.

Na divulgação do livro já agradecemos de imediato a toda equipe da Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) da UFOP. Em especial aos nomes da ACI como Rondon Marques Rosa, ao Brunello Amorin e à Mariana Petraglia pela pronta resposta na publicização do livro antes do 12 de outubro, como ao diretor da Escola de Minas (Prof. José Geraldo Arantes de Azevedo Brito) pela importante e honrosa divulgação do nosso livro no convite oficial do 12 de outubro de 2013.

Não poderia deixar de agradecer a pessoas como Paulo Markun, Marcella Féo e Yumi Ogino (e demais membros da equipe) que atualmente concluem um documentário para a SESC TV com a atenção para com as repúblicas de Ouro Preto. Nosso reconhecimento aos que já divulgaram o tema, ficando honrado com os veículos de comunicação que pude

colaborar com as minhas pesquisas e reflexões.

Da mesma forma, também, fica a nossa homenagem (e agradecimento) aos que estão no momento desenvolvendo estudos sobre as repúblicas de Ouro Preto, como é o caso do Léo Corrêa Bomfim (o Kostinha da República Castelo dos Nobres). Nosso reconhecimento aos que já estudaram o tema.

Aos futuros responsáveis pela divulgação do nosso trabalho é preciso salientar, evidentemente, que não estarão divulgando um projeto pessoal, um autor em questão ou uma república estudantil em particular, mas um ideal de sociedade e de universidade que vivenciamos na maior intensidade.

Os trabalhos pioneiros e originais que desenvolvemos sobre as repúblicas de Ouro Preto e várias moradias universitárias de outras partes do Brasil, os movimentos estudantis no nosso País, a história dos jovens brasileiros e os protestos públicos são fruto de todo um esforço coletivo.

Que possamos sempre dar o exemplo para que possamos espalhar alguns valores que o ex-aluno Ferrugem mencionou recentemente numa mensagem dirigida aos aquarianos: solidariedade, pró-atividade e espírito público.

Só me tornei um professor universitário que tenta sempre entender os meus estudantes por viver num ambiente em que aprender com os estudantes foi uma constante. Aprendi tanto na condição de estudante, como na condição de ex-aluno. Também me tornei um pesquisador que passa um longo tempo estudando os movimentos juvenis porque entendo que os jovens sempre possuem algo a acrescentar e a dizer para a transformação da sociedade brasileira. No protagonismo dos aquarianos cotidianamente vejo um ativismo e dinamismo presentes nas suas ações coletivas.

UM POUCO DA HISTÓRIA DAS MORADIAS ESTUDANTIS TRADICIONAIS NO BRASIL E NAS AMÉRICAS¹

"A Universidade é um espaço onde estamos lidando com as necessidades humanas" (Sandro Sayão, Professor da UFPE).

Ao falar da República Aquarius é fundamental tratar de toda uma história das moradias universitárias do País até chegar à sua própria história, e onde e como ela se situa nisso tudo, principalmente tratando do quadro atual desse sistema de repúblicas que muitas cidades construíram, considerando que, com o crescimento do acesso à educação superior nos últimos anos, o que se percebe é o aumento de moradias comumente chamadas de “repúblicas” nas cidades do interior do País.

Por um acaso do destino, a finalização do livro sobre a Aquarius acabou acontecendo na cidade onde nasci, que foi o local de onde parti para cursar minha graduação em Ouro Preto. De onde deixei o seio familiar para me integrar à família aquariana.

¹ Esse capítulo foi aproveitado de um texto do livro “Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas”, publicado no final de 2009. Fiz várias adaptações no mesmo, agora nessa versão publicada.

Não havia na cidade de Frutal nos meus tempos de pré-vestibular sequer um sistema universitário que temos no dia de hoje, que orbita em duas importantes instituições: a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e a Faculdade Frutal (FAF).

Em contrapartida, também, o que se via era a partida de muitos estudantes como eu que ia buscar estudar em universidades em outras cidades diante da falta de opção de estudo no nosso local de nascimento e vivência. Agora, em 2013, quando a cidade de Frutal é que vem recebendo muitos estudantes de tantas outras cidades de Minas Gerais ou de outros Estados, o cenário estudantil passou a ser delineado com mais intensidade.

Foi agora que pude visitar algumas das mais de quarenta repúblicas que se encontram na cidade, como é o caso da Bigorna, da Alphavella e d'A Casa Lar. O que se percebe lá dentro é o respeito mútuo entre os seus membros, a criação de um ambiente festivo e irreverente no cenário urbano, a formação dos “bixos”, a divisão das tarefas e responsabilidades das casas e o compromisso com a alma da república, sem contar os contatos inter-repúblicas e os desafios de muitos moradores de viver/trabalhar/estudar na cidade preenchendo sua vida numa república.

A cada dia vejo um nome diferente de república. Tantos outros nomes também estão aí para serem conhecidos no sistema de repúblicas estudantis da cidade de Frutal-MG: Vira Lata, Sentinela, Sai Vazado, Paulicéia, Esgoto, Dom Pedro, Legusta, Balacobaco, Theca, EmBHagados, Dama de Copos, Maria Corvo, Só Canela, Calimã, etc.

Mas as moradias universitárias não é algo exclusivo do Brasil. Antes só uma pequena menção sobre o que ocorre em outros Países. No caso da América do Norte, o que tivemos de

experiência de moradias universitárias mais comuns foram os famosos alojamentos universitários conhecidos como *fraternities* e *sororities*.

Nos Estados Unidos² esse modelo que passou a ser vigorosamente associado aos estudantes universitários não seguem à risca o modelo auto-gerido, autônomo, democrático e público das nossas repúblicas, embora o modelo de algumas repúblicas estudantis com características básicas das nossas também teve algum alcance em determinados momentos, mas não conseguiu se impor por lá.

É fato que o sistema de moradias dos Estados Unidos é universalmente conhecido por sua extrema segmentação, com muitos casos de exclusão social, étnica, etc e não raramente presas às rígidas regras impostas que foram traçadas de dentro para fora, como é o caso de moradias que estão instaladas dentro das cidades universitárias, sem contar os sistemas de moradia que sempre faltou investimento, exigia-se o pagamento de taxas de seus moradores (ou se conseguia vagas ou vantagens aceitando acordos políticos) ou simplesmente deixaram de existir nos mais diversos países da América Latina.

² Seguem algumas referências sobre o modelo norte-americano. DIENER, T. *Growth of an american invention: a documentary of junior and community colleges*. Westpoint: Greenwood Press, 1986; GEIGER, R. L. *To Advance knowledge: the growth of American research universities 1900-1940*. Oxford: Oxford University Press, 1986; LESLIE, W. B. *Gentlemen and scholars : college and community in the “age of the university,” 1865-1917*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1992. LUCAS, C. J. *American higher education : a history*. New York: St. Martin’s Griffin, 1994.

Não existe um modelo consolidado de casas de estudantes no sentido coletivista e democrático de “repúblicas” nos outros Países das Américas como nós temos em Ouro Preto, pois ou existe um modelo segmentado, ou um modelo em decadência ou que não mais existe, foi eliminado.

No caso brasileiro a questão da moradia estudantil está em pauta desde o início. Na primeira instituição de educação superior brasileira, a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, criada na capital de São Paulo em 1827, a questão da cidade também foi importante para possibilitar a primeira reivindicação dos estudantes universitários do País: a moradia estudantil.

É fato que a criação de instituições de educação superior geralmente provoca mudanças radicais nas cidades. Se na agora maior cidade do Brasil não havia muitos imóveis disponíveis para servir aos estudantes do século XIX, considerando que como “São Paulo era tão pequena que a chegada de um batalhão foi suficiente para não haver casas para alugar” (Souza Campos, 1954, p. 315)³, também é fundamental ressaltar que ali na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco foi então constituída a primeira moradia universitária própria de uma instituição escolar.

O conjunto de estudantes forçou a faculdade a abrir no mosteiro que servia como parte da instituição vagas nos próprios cubículos. Um dos primeiros problemas enfrentados por esta Faculdade quanto ao número de estudantes ocorreu em 1830. Especificamente com a entrada de mais 99 estudantes. Como sua maioria vinha de outras províncias, aí não restou à direção a permissão para que alguns estudantes

³ SOUZA CAMPOS, Ernesto de. História da Universidade de São Paulo. São Paulo: Editora da USP, 1954.

morassem nos próprios cubículos do mosteiro.

Em Olinda, também, os estudantes da Faculdade de Direito (criada em 1827 praticamente um mês após a de São Paulo) ocuparam as dependências do Mosteiro de São Bento, pois a eles foi permitido ocupar os espaços que também abrigavam jovens seminaristas que se formavam na mesma cidade. A escola começou com 41 estudantes.

A Faculdade de Direito da atual UFPE ficou no Mosteiro São Bento até 1852, quando houve a transferência para o antigo Palácio dos Governadores num local chamado Varadouro.

A estudantada passou a encantar a histórica cidade com seus violões, flautas e modinhas, assim como em Ouro Preto – escola criada décadas depois –, traçando à vida da cidade um aspecto mais romântico e menos sombrio.

Assim, a primeira moradia própria de uma instituição de educação superior brasileira funcionou num imóvel de dois andares, no Mosteiro da Ordem Seráfica de São Francisco, prédio de estilo barroco e inaugurado em 1647.

Na Faculdade de Direito de São Paulo, também, surgiram as primeiras casas que, embora não pertencessem à instituição, tinham forte ligação com a mesma pelo fato dos seus ocupantes pertencerem à Faculdade. Funcionava quase como um “anexo” da Faculdade. A designação de outra moradia estudantil existente “quando grupos de estudantes encontravam acomodações em casas, chamavam a estas de ‘repúblicas’”⁴, que tinham “um método democrático para a escolha dos dirigentes de seus grupos” (idem).

A exibição de uma vida universitária focada em

⁴ DULLES, John W. F. A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas. (1938-1945). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Edusp, 1984, p. 20.

“repúblicas”, bares, dependências da faculdade e outros locais ajudaram na criação de um “espírito universitário”. Tal situação foi exibida também na segunda instituição de educação superior do Brasil, fundada na cidade de Olinda, Pernambuco, também tradicional pelas suas “repúblicas” por um bom tempo nos primeiros momentos de sua criação⁵.

Portanto, a vida em repúblicas estudantis tiveram nas duas primeiras instituições universitárias do país seu início,

⁵ “Reuniam-se assim de preferencia os collegas da mesma província, o que não excluia como academicos a solidariedade que existia entre todos. A isso chamavam republicas. Não haveria ahi nessa denominação uma reminiscencia daquellas ‘pequenas Republicas’, como eram chamados, na Renascença, os estabelecimentos universitários da Hespanha compreendendo as casas dos estudantes, que também eram privilegiadas? Como se sabe, a independencia desses estabelecimentos era absoluta. Elles gozavam de todas as immuniidades, sendo uma das mais apreciadas a prohibição de fazer diligencias policiaes ou judiciaes nas habitações dos lentes e estudantes. Como em todas as Universidades da Europa, a partir do seculo XII em que ellas receberam uma organização mais ou menos semelhantes não só quanto aos cursos e aos estudos, mas também no que diz respeito a corporação de mestres e alumnos, o estudante era naquelles centros uma ‘potencia oppressiva, tyrannica, com a qual deviam contar os poderes publicos’, diz um escriptor. Também no nosso pequenino centro de Olinda sem os privilegios e as immuniidades das universidades medievaes, sem jurisdicção especial e sem a independencia das ‘pequenas Repúblicas’, da Renascença, tão só por força da tradição, pelos fios de ligação multi-secular dessas instituições o estudante se constituiu uma força. Era na Academia que se tinha refugiado em um período de revoluções a opposição religiosa e política – esta, sobretudo, que não teria talvez como órgãos senão os jornaes dos estudantes” (Nestor, 1930, p. 12-14).

mas aqui é importante considerar que “em Olinda – e mais tarde também em Recife – os estudantes faziam vida em commum, morando varios delles em uma só casa com um criado p’ra lhes fazer as compras e preparar a comida; costume igualmente seguido outr’ora pelos estudantes francezes”⁶.

Mas a referência em termos de repúblicas estudantis que até hoje impressiona todo País é, sem dúvida alguma, a antiga Vila Rica e depois cidade Patrimônio Mundial da Humanidade Ouro Preto, cuja tradição estudantil das repúblicas foi assentada, em especial, após a transferência da capital do Estado para Belo Horizonte.

Pode-se dizer, portanto, que a cidade de Ouro Preto passou a ser a cidade das repúblicas no Brasil – com um sistema estabelecido de casas com preços razoáveis – a partir da transferência da capital de Minas para Belo Horizonte em 1897⁷, pois era um local ideal porque fornecia boas condições de permanência razoável durante todo o ano. Pedro Rache, formado em 1901 na Escola de Minas (EMOP), relata sua experiência de estudante em Ouro Preto. Quando explica “a

⁶ NESTOR, Odilon. Faculdade de Direito de Recife: traços de sua história. 2a ed. Recife: Imprensa Industrial, 1930.

⁷ “Ouro Preto tinha afamados creditos educacional. Clima benigno, um tanto frio, excellente. Altitude de 1.100 metros. Agua abundante, das melhores do Brasil. Cidade pequena, de vida tranqüila. Ambiente acariciador. Familias affectuosas, acolhendo estudantes. Vida barata, tão barata, depois da mudança da Capital, que uma casa se alugava por 20\$000. Alguns predios cahiram e outros eram dados para moradia para se conservarem gratuitamente. Em “republicas” o estudante podia viver com apenas 100\$0000 mensaes! Estudava-se de graça na Escola de Pharmacia e na Escola de Minas!” (RACIOPPI, 1940, p. 13).

idéia de estudar em Ouro Preto”, este autor tenta explicar os motivos por não escolher a cidade do Rio de Janeiro⁸, cuja Escola estava entre as oficiais de boas referências⁹. Neste período, o conceito sobre Ouro Preto era o de cidade pequena, calma, clima excelente, com duas Escolas de alto nível¹⁰. Travando contato com um colega, não estava este interessado em ir para o Rio de Janeiro, que estava infestada pela febre amarela e “era o terror dos estudantes riograndenses”¹¹.

Os estudantes que vinham fora do Estado, geralmente faziam a opção de se dirigirem de trem até o Rio de Janeiro, e em passagem rápida, pegar um outro para Ouro Preto. Rache e seu amigo ficou impressionados quando fizeram um primeiro passeio por Ouro Preto, no final do século XIX, antes da transferência para Belo Horizonte. Não era tão atrasada quanto imaginavam: “Cafés! Esplêndidos cafés! Lojas de fazendas, armazéns de especialidades, gente de bom aspecto passando pelas ruas!”¹².

Os estudantes geralmente vinham para um curso

⁸ RACIOPPI, Vicente de Andrade. Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto. Memória Histórica apresentada ao 3º Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia Comemorativo do Bicentenário de Porto Alegre. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

⁹ “Todos os dias era eu surpreendido com a notícia da morte de algum colega ou conterrâneo, que dias antes, ao embarcar para o Rio, havia visto cheio de saúde e contente, alimentando os mais belos sonhos do futuro, sem pressentir que dias depois, logo de chegada à Capital Federal, o terrível flagelo o aniquilaria para sempre” (Rache, 1954, p. 22).

¹⁰ RACHE, Pedro. Homens de Ouro Preto (Memórias de um estudante). Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1954.

¹¹ RACHE, Pedro. Homens de Ouro Preto (Memórias de um estudante). Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1954.

¹² Idem, p. 30

preparatório ou anexo à Escola de Minas para enfrentarem um exame de admissão bastante rigoroso. Sendo admitido, morava-se em uma república que era administrada geralmente durante um mês pelo seu Presidente. As repúblicas estabelecidas eram divididas por gaúchos, cearenses etc. Ouro Preto conseguia atrair muitos estudantes, pois se tinha uma imagem e fama bastante positivas, que foram tão bem descritas por Dequech no seu livro¹³ sobre os estudantes de Ouro Preto¹⁴, inclusive ali se tem uma descrição sobre a transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte e os seus problemas para a conservação de Ouro Preto.

A Constituinte especial convocada especificamente sobre o assunto reuniu-se em Barbacena no ano de 1893, com a presença de muitos ouro-pretanos ou de seus defensores que em vão não conseguiram barrar a transferência. Essa transferência para a nova capital despovoou a cidade de Ouro Preto. Funcionários públicos, militares, muitos comerciantes, famílias inteiras partiram para Belo Horizonte (Curral Del Rey). Os políticos que impediram a mudança não tinham conseguido seu feito, entre eles, Costa Sena, Rocha Lagôa e Camilo de Brito. Ouro Preto parecia de uma hora para outra se tornar o símbolo do atraso, da Monarquia e da anti-

¹³ DEQUECH, David. *Isto Dantes em Ouro Preto; crônicas*. Belo Horizonte, 1984.

¹⁴ “O aspecto provinciano da cidade, o seu notável passado, a boemia, a descoberta da liberdade por uma juventude pouco vigiada, o espírito acolhedor do ouro-pretano com sua compreensão e bondade, as contas penduradas, e, acima de tudo, a presença constante dos professores, seja nas escolas, fora delas, e até em casa, a incutir o culto ao dever e à responsabilidade” (DEQUECH, 1984, p. 66).

modernização perante a sua tradição¹⁵.

Por outro lado, os imóveis disponíveis em Ouro Preto tornaram-se fartos. Muitas destas casas foram cedidas ou ocupadas pelos estudantes, que a mantinham. Parece-nos que daí acontece sua fama de cidade ideal para se estudar. Quanto às casas cedidas, as famílias a liberavam porque era melhor deixá-los nas mãos dos estudantes que a cuidariam do que deixar desabá-las ou ser ocupadas por estranhos. A desvalorização dos imóveis era às vezes tão gritante que achavam melhor deixar de quitar os impostos, pois não compensava. O fim do século seria o fim de Ouro Preto e o fim do mundo? Em outros cantos a *belle époque*, a euforia do mundo. O temor de outro.

Um registro maior deste período do final do século XIX acontece, cremos, porque esteve em Ouro Preto como estudante Getúlio Vargas, que morou, juntamente com seus irmãos, em uma república dos gaúchos, quando veio em 1897. Ele morou numa República chamada Bastilha (não é a que atualmente existe em Ouro Preto). Pedro Rache conhecia seus irmãos, Protásio e Viriato, sendo o apresentado por este último, que o qualificou de “índiosinho”. Porém, a trajetória

¹⁵ “Nos seus dois últimos anos de capital do Estado de Minas Geraes, em 1896 e 1897, Ouro Preto se preparava para ver o governo se transferir para a cidade de Minas, hoje Belo Horizonte, onde se installou a 12 de dezembro de 1897. O commercio em apprehensões. O functionalismo, as repartições publicas, os escriptorios e os homens de negocios em perspectivas de mudança. A vida social em discreto retrahimento. Dominava o ambiente de tristeza desanimadora. Demonstrava a gente ouropretana, em contraste com o enthusiasmo dos mudantistas ou mudancistas, a invencivel melancolia dos que vêem um ente querido partir para não mais voltar” (RACIOPPI, op. Cit, p. 49).

de Getúlio por aqui foi curta. Teve que sair apressadamente devido ao envolvimento de seus irmãos em um crime. No livro de Jô Soares¹⁶, em seu prólogo, contextualiza o período vivido por este Presidente¹⁷.

Durante o Governo Washington Luís, quando foi sancionado um decreto do Congresso Nacional criando a Casa do Estudante Brasileiro (em Paris, França), realmente temos a demonstração clara do Estado agindo na questão da moradia estudantil, pois, conforme o próprio decreto, o objetivo era “facilitar a vida material dos estudantes patricios na capital francesa”¹⁸. Assim, mesmo com a preocupação de apoiar estudantes brasileiros residentes no exterior, o apoio foi dado e importante para marcar o início de uma série de políticas públicas ao setor da moradia estudantil.

A Casa do Estudante do Brasil também é um marco. Mesmo sendo uma entidade privada sustentada com muitos subsídios do setor público, a entidade foi um parâmetro para o que se devia fazer ou não fazer em termos de assistência estudantil. Criada em 1929, por longos anos influenciou os assuntos estudantis oficiais. Seus objetivos eram o apoio assistencial e a promoção do intercâmbio cultural. Sua fundadora e por anos presidente, Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, tornou-se a quase proprietária da

¹⁶ SOARES, Jô. *O homem que matou Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁷ “*A rivalidade entre os moradores das várias repúblicas provoca, como de praxe, atritos e discussões. São comuns as refregas de estudantes no Bilhar Helena, na Rua São José, um dos pontos preferidos pelos rapazes que estudam na cidade*” (SOARES, 1998, p. 13).

¹⁸ Decreto Nº 5.612, de 26 de dezembro de 1928.

própria instituição de fundara e conduzia.

Outro marco realmente na questão estudantil aconteceu no pós Revolução de 1930. Com o estabelecimento de novas regras para a educação superior brasileira, a adoção de um sistema universitário, Getúlio Vargas consolidou um sistema de casas de estudantes ou alojamentos universitários. E foi através de uma participação maior dos estudantes na administração de diversas atividades das escolas superiores. Com a criação dos DCEs e DAs, os estudantes passaram a administrar cantinas e restaurantes. E puderam fundar e administrar moradias com recursos públicos.

O Estatuto das Universidades Brasileiras, anunciado pelo Ministro da Educação e Cultura do Governo Provisório de Vargas (em 1931), Francisco Campos, tinha a intenção de estabelecer universidades que pudessem ser um “centro de contato, de colaboração e de cooperação de vontades e de aspirações, uma família intelectual e moral” (Campos apud Fávero, p. 22)¹⁹. Por isso, a organização dos estudantes dar-se-ia no sentido de “criar e desenvolver o espírito de classe, a defender os interesses gerais dos estudantes e a tornar agradável e educativo o convívio entre os membros dos corpos discentes” (*idem*, p. 79).

A organização de entidades assistenciais de moradia, alimentação, atividades científicas e esportivas tinham ajuda financeira oficial por meio de verba determinada e repassada pelo recém-criado Conselho Técnico-Administrativo.

A Casa do Estudante de Pernambuco (CEP), por exemplo, fundada em 1931 num prédio alugado do Recife (na rua do Hospício), foi fruto deste movimento assistencialista

¹⁹ FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. *Universidade do Brasil: Guia dos Dispositivos Legais*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

encampado pelo Presidente Getúlio Vargas. A CEP foi para a sua sede definitiva num amplo casarão no bairro do Derby no ano de 1935.

Todo este período pode ser contextualizado no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, assinado por vários intelectuais brasileiros que propugnavam a “reconstrução educacional do Brasil” através de uma nova postura de todos na grande obra da educação. E das quais destacaríamos do documento dos manifestantes a constituição de sociedades de ex-alunos, entidades estas que manteriam a partir daí uma relação constante com várias as escolas.

Quanto às sociedades de ex-alunos e os demais potenciais participantes da grande obra educacional, o Manifesto deixava claro a sua importância:

“Utilizando, em seu proveito, os valiosos e múltiplos elementos materiais e espirituais da coletividade e despertando e desenvolvendo o poder de iniciativa e o espírito de cooperação social entre os pais, os professores, a imprensa e todas as demais instituições diretamente interessadas na obra da educação”²⁰.

Na década de 1930, que também podemos demonstrar a participação dos ex-alunos dos cursos tradicionais (sobretudo Medicina, Direito e Engenharia) na vida universitária, ainda gostaríamos de tratar deste modelo de “associações de antigos alunos”. As mesmas estiveram presentes em várias universidades norte-americanas, como Harvard, nos anos 1840;

No Brasil, tal modelo somente passou a ocorrer nos

²⁰ *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, 1932.*

anos 1930, quando os ex-alunos pretendiam inicialmente participar das datas comemorativas das faculdades e universidades. E passaram a apoiar grandes iniciativas em prol, sobretudo, dos estudantes. A mais antiga destas associações no Brasil é a da Faculdade de Medicina da USP, em 1930. Além da participação nos cerimoniais acadêmicos da faculdade, a associação ainda pretendia “interessar-se pelas iniciativas que teriam por fim melhorar as condições materiais dos alunos matriculados na Faculdade de Medicina de São Paulo” (Souza Campos, 1954, p. 529)²¹. Algumas destas associações, sobretudo de cursos com ex-alunos de maior influência, como a da Politécnica da USP, tomaram a iniciativa de construir uma casa de estudante em terreno doado pela prefeitura, em 1939, numa das primeiras iniciativas deste tipo (idem, p. 558).

O sistema de ampliação de moradias universitárias ainda foi maior no período de nova demanda no número de vagas no ensino superior (1950-64). O caso mais específico de uma moradia universitária com o maior número de estudantes residindo em alojamento e fundada nesse período é sem dúvida alguma o CRUSP, criado em 1963 após uma intensa luta estudantil para dar uma função a um prédio que só tinha servido até então para abrigar os atletas que participaram dos Jogos Pan-Americanos nesse mesmo ano²².

Vindo de uma ocupação estudantil, o CRUSP foi um importante espaço de resistência à ditadura, considerando que ali foi um espaço para reuniões e para a organização de uma luta democrática para varrer o regime ditatorial, mas que por isso passou por inúmeras invasões das forças da repressão e

²¹ *Op. cit.*

²² Fonte: <http://www.crusp68.org.br/LivroTeotonio.pdf> Consultado em 06-02-2012.

espionagens ininterruptamente.

As moradias também tiveram uma grande demanda num determinado período histórico do ensino superior de Ouro Preto. No início dos anos 1960, a falta de moradia, sobretudo para estudantes, foi um dos principais problemas para a Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), quando pensava em resolver seus principais problemas de ensino e de administração. Em uma das reuniões da Congregação da EMOP, o Professor Moacyr do Amaral Lisboa levantou algumas questões sobre o assunto²³ e reclamou dos preços dos aluguéis e das pensões²⁴.

Neste debate, o que estava posto era o crescimento do número de cursos e de estudantes na EMOP. Na reunião da Comissão de Administração da EMOP, em 03 de setembro de 1963, o professor Joaquim Maia lamentou que a Congregação da EMOP estivesse insensível ao seu apelo no sentido de crescimento do número de estudantes, e discordava dos seus colegas que argumentavam que "Ouro Preto não dispõe de alojamentos suficientes e condignos para maior número de professores e alunos"²⁵.

²³ “Alojamentos para alunos, residências para professores, recrutamento de novos elementos para o corpo docente e produção de trabalhos técnicos e científicos devem ser as novas metas da política da Escola de Minas para que ela possa manter o nome, o prestígio e as tradições que desfrutam no seio das coletividades brasileiras e de além mar” (Ata da 787ª Sessão em 13-02-1962).

²⁴ “Nesse modo de agir dos proprietários da cidade anula qualquer propaganda que se faça da Escola de Minas visando o aumento do seu número de alunos e contribuirá, mesmo para desviar aqueles que, lá fora, possam vir estudar em Ouro Preto” (idem).

²⁵ Atas da Comissão de Administração da EMOP, em 03 de setembro de 1963.

Assim, o debate amadureceu com medidas concretas para o crescimento da EMOP, que assinou um convênio com a Fundação Gorceix em seguida para a construção da “cidade universitária da Escola Federal de Minas de Ouro Preto”. Em dezembro de 1965, o ante-projeto das obras foi apresentado pelo escritório técnico do arquiteto Sérgio Bernardes à Fundação Gorceix, e logo em seguida as obras estavam em andamento, principalmente do Instituto Costa Sena, com o intuito de ser um dos mais destacados centros de pesquisa de Ouro Preto.

Enquanto as obras de um campus universitário caminhavam próximas do fim da segunda metade da década de 1960, no debate sobre a construção de mais alojamentos tinha opiniões em defesa da definitiva transferência dos estudantes do centro de Ouro Preto para o Campus no Morro do Cruzeiro como forma de distanciá-los da cidade. Para um dos professores responsáveis pela obra, isso também gerou enormes questionamentos sobre um possível isolamento dos estudantes da cidade²⁶.

Com o movimento estudantil no final dos anos 1960

²⁶ “Quando nós fomos iniciar a obra lá em cima no Morro do Cruzeiro, o prédio principal seria para moradia de estudantes. Naquele prédio central, e eu me lembro de muito isso, foi dito o seguinte: “Mas vocês querem isolar os estudantes da cidade”. E eu: “eu acho que os estudantes devem continuar a participar da cidade como um dos seus habitantes”. Isto sim houve, porque eu me lembro. Mas é um absurdo separar, porque houve esta idéia de deixar os estudantes mais lá no Morro do Cruzeiro porque eram considerados baderneiros como todo jovem. Então houve esta idéia de manter as “repúblicas” para que se integrassem e continuassem a se integrar na sociedade” (Depoimento de Ivo Porto de Menezes).

puderam ocorrer diversas mudanças no tema em Ouro Preto. Após o restabelecimento de todo o movimento estudantil diante das intervenções e dificuldades criadas depois do golpe de 1964, a partir de 1967, o DAEM (Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto) passou a ter mais espaço para atuação.

Primeiro pelo trabalho de base desenvolvido junto aos estudantes. Segundo pela proposta de ações que a gestão 1967/1968²⁷ apresentou. E uma das bandeiras da gestão deste DAEM era a conquista de novas casas para “repúblicas”. Um acampamento por vários dias na Praça Tiradentes foi montado, em 1967, quando se buscou mobilizar os estudantes e ao mesmo tempo pressionar a EMOP para o problema da moradia estudantil. A justificativa do Diretório para o movimento era o seguinte: “temos diversas repúblicas com ameaça de despêjo; temos colegas morando em verdadeiros padieiros sem a mínima condição de higiene; temos conhecimento da admissão dos novos colegas de 68”²⁸.

A partir daí uma Comissão nomeada pela Assembléia Escolar integrada pelo Presidente do DAEM e pelos professores Moacyr do Amaral Lisboa e Washington Moraes de Andrade buscava dar andamento à aplicação da verba liberada pela Escola no valor de NCr\$200.000,00 imediatamente após as negociações em torno do fim do acampamento. Havia um impasse quanto a forma de se conseguir casas para serem transformadas em “repúblicas”, pois não se sabia como resolver a questão com a compra, o

²⁷ (Presidente: Lincoln Ramos Viana; Vice-Presidente: Athaulpa Valença Padilha; 1º Secretário: Serafim Carvalho Melo; 2º Secretário: Benedito França Barreto; 3º Secretário: Douglas Senju Morishita; Tesoureiro: César Epitácio Maia)

²⁸ Boletim do Diretório Acadêmico nº 4, novembro de 1967

aluguel ou a construção de novas casas.

Mas, a opção pela compra de novas casas foi a forma encontrada, pois não se teria tempo para construir casas diante da entrada de novos calouros em 1968. Além do mais, a oferta de velhas casas e casarões para venda era elevado em Ouro Preto neste período, pois a cidade não se recuperara ainda da crise econômica provocada pela transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, em 1897. Um tema que ainda está presente na memória coletiva dos estudantes daquele período foi a compra de casas dos próprios professores da Escola, segundo denúncia do próprio DAEM²⁹.

Os estudantes também reclamavam da demora da direção da Escola em solucionar o problema da moradia em Ouro Preto. Os estudantes não cederam às pressões para concluir o seu movimento iniciado com o acampamento em 1967³⁰.

²⁹ “Pois bem colegas, para surpresa e decepção nossa, assistimos nos meados de outubro, o Dr. Washignton (Moraes de Andrade), após mudar para casa de propriedade da Escola, enviar proposta ao Diretor oferecendo a sua casa para a comissão comprar, ao mesmo tempo pedia o seu afastamento desta, por se julgar suspeito, no caso de vir a ter de decidir sobre a compra de seu imóvel. Ao nosso ver, o que é suspeito, é o Dr. Washington, depois de trabalhar tantos meses como membro da citada comissão e de vetar a compra de certas casas, oferecer a Escola a casa de sua propriedade, que apresenta os mesmos inconvenientes, daquelas às quais se opôs com seu veto. Votamos contra a compra do referido imóvel pelo preço de NCr\$44.100,00. tendo o Dr. Moacyr votado a favor, e o Dr. Washington sendo impedido de dar se parecer, foi encaminhado o processo ao Diretor Geral da Escola para que desse a palavra final. Autorizou-se a compra” (Boletim do Diretório Acadêmico nº 4, novembro de 1967).

³⁰ “Assim, já são decorridos 45 dias desde que acampamos na Praça

Dessas reivindicações, podemos indicar as “repúblicas” conquistadas pelo movimento neste espaço de tempo de acordo com a escrituração nos cartórios: 1967 (Adega, TX); 1968 (Aquarius, Deuses, Jardim de Alá, Pulgatório, Baviera, Ninho do Amor, Nau Sem Rumo); 1969 (Poleiro dos Anjos, Espigão, Boite Casablanca); 1970 (Casa Nova, Cassino); 1971 (Marragolo). A UFOP construiu e/ou comprou diversos outros imóveis nas décadas de 1970 e 1980.

Os investimentos públicos com a compra de casas para repúblicas na cidade de Ouro Preto é datado de 1958, quando a Escola de Minas cedeu um prédio que adquirira em 1953 para instalar a República Castelo dos Nobres, a primeira república masculina a adentrar num prédio da instituição. A República Rebu, por outro lado, em 1974, foi a primeira República Feminina a ocupar um prédio da UFOP, como pode ser percebido nos dados de quando alguns dos imóveis foram adquiridos pela instituição segundo a **Coordenadoria de Assuntos Patrimoniais da UFOP**³¹ e de acordo com cada

Tiradentes exigindo locais de moradia. Ainda permanece vivo em nossa memória, que encerramos o nosso movimento, tendo em vista as medidas tomadas e as promessas feitas pela Escola. A Assembléia Escolar reunida no dia 20 de março, em sessão extraordinária, destacava uma verba de NCr\$100.000,00, para amenizar a situação e ainda ficou estabelecido, que o senhor Diretor, dentro dos próximos 15 dias, apresentaria à mesma Assembléia, um projeto visando solucionar o problema de uma vez por tôdas” (Boletim do Diretório Acadêmico, s.d).

³¹ Aqui seguem alguns dados com nome da República, quem adquiriu e a data da escritura do imóvel após compra pelo setor público: Bangalô (UFOP), 21 de outubro de 1975; Jardim Zoológico (EFMM), 15 de julho de 1975; Marragolo – EFMM – 12 de julho de 197; Rebu –UFOP –16 de dezembro de 1974; TX – EFMM – 31 de outubro de 1967; Patotinha – UFOP – 11 de

setor específico ou a própria Universidade³².

Mas a ditadura civil-militar também ampliou as moradias estudantis e passou a apoiar algumas entidades, como na gestão do Ministro Jarbas Passarinho (1969-1973), quando algumas entidades passaram a receber financiamento contínuo (é preciso considerar a crescente repressão aos estudantes no período em questão).

A Casa do Estudante de Pernambuco (CEP), cujo Presidente João Arraes (então estudante de Direito da UFPE)

fevereiro de 1976; Penitenciária – UFOP – 27 de outubro de 1975; Poleiro dos Anjos – EFMM – 22 de junho 1969; Espigão – EFMOP – 26 de agosto de 1969; Pronto-Socorro – EFBOP – 24 de setembro de 1965; Castelo dos Nobres (ENMM – 11 de agosto de 1953; Deuses – ENMM – 05 de julho de 1968; Gaiola de Ouro (EMOP) – 14 de novembro de 1961; Jardim de Alá (EFMOP), 20 de novembro de 1968; Cassino – EFMOP – 29 de maio de 1970; Adega – EFMOP – 30 de junho de 1967; Pulgatório – EFMOP – 06 de novembro de 1968; Baviera – EFMOP – 04 de julho de 1968; Butantã – EFMOP – 29 de maio de 1970; Maracangalha – EFBOP – 24 de maio de 1966; Necrotério – EFMOP – 11 de julho de 1966; Aquarius – EFMOP – 20 de dezembro de 1968; Ninho do Amor – EFMOP – 09 de novembro de 1967; Nau Sem Rumo – EFMOP – 06 de novembro de 1968; Casa Nova – EFMOP – 29 de maio de 1970; Boite Casablanca – EFMOP – 11 de julho de 1969.

³² Eis as siglas que constam nos documentos: UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), EFMOP (Escola Federal de Minas de Ouro Preto, EFMM (Escola Federal de Minas e Metalurgia), ENMM (Escola Nacional de Minas e Metalurgia), EFBOP (Escola Federal de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto) e EMOP (Escola de Minas de Ouro Preto), que correspondem às duas Escolas Superiores de Ouro Preto, de Engenharia e de Farmácia, que trocaram seus nomes ao longo do tempo.

recuperou o sentido inicial da casa em contribuir com qualidade de vida e a vinda de mais estudantes do interior do Estado que sequer tinham condições dignas de moradia na capital (quando a CEP basicamente era o único destino para os estudantes extremamente desprivilegiados social e economicamente), é um exemplo do incremento de verbas para a moradia estudantil como casas de estudantes, embora sempre é importante ressaltar que haviam outros tipos de moradias disponíveis para os que se pretendiam candidatar a uma vaga como residente na cidade, mas não eram espaços com tanta redução de valores a ser pagos pelos estudantes residentes como se tinha no CEP.

Essa gestão da CEP focou também no atendimento integral dos estudantes além da própria moradia oferecida, inclusive ampliando os serviços médicos e as condições de sustentabilidade dos estudantes nos referidos cursos das universidades existentes, considerando que o conceito de Casa de Estudante vai muito além do seu sentido de residência estudantil, mas para um ponto de apoio e de aprendizado dos estudantes.

Também em Recife, nos anos 1970, foi inaugurada a Casa do Estudante Universitário da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). No Rio de Janeiro, um antigo prédio no bairro do Flamengo virou a Casa do Estudante Universitário, em 1973. Porém, fechado nos anos 90 após o seu abandono.

A construção de moradias para estudantes teve grande fôlego ainda nos anos 80, com a construção de repúblicas na UFOP e de várias casas na Unicamp.

A Unicamp é uma das universidades que possuem regulamentos que tratam amplamente de uma discussão educacional e não meramente assistencialista em relação à moradia estudantil desde muito tempo, pois entendem que não

é apenas fornecer moradia para os estudantes de famílias de baixa renda, mas “proporcionar um espaço de discussão sobre as questões concernentes à Academia, bem como uma área de estudos e produção intelectual, incentivando a formação interdisciplinar”, “possibilitar a integração entre os estudantes e a Comunidade Externa” e “oferecer melhores condições para criação intelectual e a livre manifestação cultural dos estudantes”³³.

Nos anos 1990 a Casa do Estudante Universitário da UFPE passou por uma grande crise, que culminou inclusive no suicídio de estudantes e na degradação total do espaço da residência.

A pesquisa do Professor Paulo Henrique Martins foi uma importante contribuição à UFPE nesse momento determinado momento de sua história, pois ele foi lá ouvir os estudantes e entender todo o processo quando, num período relativamente curto de 1994, dois suicídios ocorreram na Casa do Estudante da Universidade.

O estudo sociológico produzido nesse período sob a coordenação do Professor Paulo Henrique Martins relacionou claramente a desumanização do campus com os suicídios³⁴. A pesquisa em questão marcou claramente a carreira desse professor, que abriu novas linhas de pesquisas e produziu uma reflexão importante sobre o tema na instituição, como ele próprio comentou anos depois³⁵.

³³ UNICAMP. Deliberação Consu-A-24, de 04/12/2001

³⁴ O texto final levou o título “Estudantes Universitários e Exclusão Social no Campus” (UFPE, Recife, 1997)

³⁵ “Em 1994, fui procurado por alunos da graduação para dar um apoio político aos estudantes das residências estudantis da UFPE onde havia acontecido recentemente dois suicídios seguidos, ocorrendo igualmente um principio de pânico e surtos depressivos

Talvez trabalhos como os de Mauro Cesar de Lima “*Vaga Mundo Imundo Mundo: a Saga de um estudante*”³⁶, não sejam reconhecidos por não se tratar de um estudo científico, mas é uma narrativa fundamental para se compreender claramente a situação de muitos estudantes da UFPE que habitavam a Casa do Estudante e vivenciaram ali o pânico diante de atos de suicídios dos próprios colegas. Ele traz o sentimento de uma geração de pessoas que sofreu muito na Casa do Estudante da UFPE durante um período de falta de diálogo, de cortes de recursos para a assistência estudantil e dentro de um contexto nacional atribulado. A frase marcante do seu livro “era difícil brigar por um prato de comida” foi contextualizada na entrevista que fiz com ele no ano de 2011 (e que foi publicada em um dos nossos livros)³⁷.

entre os estudantes-moradores. Os estudantes me procuraram para ter o apoio dos professores contra uma certa tendência na reitoria da UFPE de desresponsabilizar os gestores e de culpabilizar os próprios estudantes pelo acontecido. Houve inclusive uma interpretação complicada e fascista de um médico ligado à Reitoria de que haveria uma relação suspeita entre pobreza e tendências suicidas (???). A partir daí decidi fazer uma pesquisa-ação sobre o caso que foi bastante interessante ao permitir compreender mais de perto a relação entre normalidade institucional e condições de saúde. Minha conclusão foi de que as residências constituíam espaço de acolhimento para os jovens pobres de cidades do interior. Assim, na medida em que a reitoria demonstrou descaso com a qualidade de moradia das Casas, isto rebateu diretamente nas condições psíquicas e emocionais dos jovens”.
http://www.nucleodecidadania.org/nucleo/extra/2007_11_20_17_5_1_40_entrevista_para_o_lappis_com_paulo_henrique.pdf

³⁶ Recife, Fundação Antonio dos Santos Abranches-FASA, 2000.

³⁷ Trata-se do livro “**Múltiplas Juventudes: Aspectos da história dos jovens em Recife**”.

Também é fundamental ampliar os espaços de convivência, combater os casos de racismo, homofobia, assédio moral e sexual, exigir mais transparência pública nas atividades desenvolvidas por todos e combater com insistência o utilitarismo descarado que se avoluma a cada dia nas instituições universitárias.

Um livro sobre a vida em repúblicas estudantis poderá contribuir com o debate sobre a formação humana das nossas universidades, principalmente a partir do acúmulo de experiências que inúmeras gerações produziram ao longo da história, porque a reivindicação de moradia estudantil é antiga e atual ao mesmo tempo. É uma constante preocupação com a expansão da educação superior, a revitalização das cidades e da formação cidadã dos estudantes universitários.

Não é fácil passar a quem não vivenciou a experiência de morar uma república estudantil como aquelas encontradas em Ouro Preto com tanta facilidade o que é viver em repúblicas, bem como não é fácil entender como instituições importantíssimas (como a Casa da Estudante Universitária da UFPEO não tenha tido objeto de um levantamento de sua trajetória histórica.

No caso da Aquarius, com o presente livro, podemos dizer que o primeiro passo foi dado. A seguir, como foco da presente publicação, apresento um pouco a história da formação humana dentro da maior república estudantil das Américas, a República Aquarius de Ouro Preto, que se encontra no rol da luta pela humanização do ambiente universitário e da valorização das tradições universitárias brasileiras.

SER “AQUARIANO”³⁸

“Quem eu sou? Eu sou um monte de pessoas que passaram por mim” (Celso Carvalho Magalhães, Ex-Aluno Jabuti)

Talvez seja difícil explicar aos nossos familiares e amigos que não se formaram em Ouro Preto o que significa ser morador escolhido em uma República como a Aquarius, mas especificamente um republicano cujo nome carregaremos para o resto de nossas vidas, que é o de “aquariano”.

Muitos tiveram o privilégio de se aproximar da República mesmo antes de passar no vestibular porque eram *casquados* (acredito que o Bombeiro e o Zureta estejam entre os primeiros *casquados* da República Aquarius.), tinham familiares já ligados a essa casa, puderam visitá-la durante uma festividade qualquer, fizeram o vestibular quando ele era feito exclusivamente durante dias em Ouro Preto (e a República se tornava uma passagem obrigatória para os futuros estudantes universitários) ou tantos outros caminhos que fazem parte da história de vida de cada um nessa casa.

No caso dos primeiros “aquarianos”, cuja única referência ainda estava muito ligada à sua família ou aos laços que se estabeleceram com a cidade e sua vida universitária no tempo em que nela permaneceram morando em pensões ou precariamente em outras residências, quando chegaram

³⁸ A linguagem em todo o livro atende ao modelo que passamos a vivenciar quando tivemos acesso à república pela primeira vez como morador e que até hoje se mantém. A grafia das palavras então atende a esse universo estudantil, mas para facilitar o leitor tais palavras estão em itálico.

tiveram que começar do ponto zero sem referência alguma e sem a menor experiência acumulada junto aos demais “aquarianos” no seu próprio espaço e tempo.

Os primeiros moradores depois nos contaram o quanto foi difícil cuidar da integração com os moradores iniciais para poder dar uma identidade à República, considerando que todos vinham de cidades diferentes, origens familiares e sociais diversas e efetivamente tentavam imprimir a sua marca na história de um imóvel em reforma num cenário local de poucas oportunidades de moradia para os estudantes, mas cujas dificuldades iniciais forjaram uma característica que marcou todas as gerações de aquarianos desde então, que é o da extrema tolerância e o da aceitação de diferentes posicionamentos entre os seus membros.

A diferença entre os primeiros que receberam uma casa apenas como imóvel das gerações que vieram com a casa já estabelecida é que na nossa época não havia o temor de que a Reitoria da UFOP incluísse entre os novos moradores apenas estudantes que achassem convenientes de ir morar lá, pois sabíamos desde o início que seriam os moradores que nos dariam o crivo como “aquarianos” ou não (sem a instabilidade que os primeiros tiveram de serem inclusive colocados para fora caso a Reitoria assim quisesse).

Eu particularmente conheci a casa quando fui prestar o vestibular e me hospedei ali por alguns dias, desde então cavando a oportunidade de voltar após a aprovação para ser estudante da UFOP e morador da Aquarius como *bixo* na batalha por uma vaga.

No dia em que ainda estava em minha cidade natal e me dirigia a Ouro Preto com tudo que podia levar para morar definitivamente na Aquarius, encontrei-me coincidentemente com o ex-aluno da Nau sem Rumo “Tropeço”, que me sugeriu

como opção outra república na qual poderia entrar nos meus planos se assim desejasse. Mas fui disposto a morar na Aquarius. E assim ocorreu!

Um grande amigo que já conhecia em Frutal-MG foi fundamental para me ajudar na integração com a cidade de Ouro Preto-MG. O Altair Petracchi (atualmente proprietário da Petra Engenharia na cidade de Frutal-MG), que ganhou o apelido de “Frutal” quando morou por um tempo na República Aquarius, também foi importantíssimo para ajudar a quebrar o gelo da relação que um interiorano como eu tinha com aquele grupo que ainda me despertava muitas perguntas sem respostas.

Na batalha tive como companheiros o Delta, o Bulaxo e o Taruíra, que foram pessoas que trouxeram para mim inicialmente o sentimento de que estávamos todos no mesmo barco naquele momento desafiante do início de tudo, que nada mais é do que conquistar um espaço naquele ambiente que escolhemos para ser o nosso lar e que definitivamente moldaria o nosso futuro.

A casa tinha exatos trinta e dois moradores naquele momento, incluindo a *cascudagem*. O que posso dizer é que em todo o período na Aquarius me senti integrado e altamente convicto de que eu estava morando entre irmãos, mesmo sabendo das diferenças, dos defeitos, das potencialidades, das qualidades, das imperfeições, dos limites e perfeições de todos nós.

Não daria para contar como fomos felizes vivendo ali em poucas páginas, porque cada morador teve sua vida completamente construída a partir da vida de outras pessoas que se entrelaçaram, inclusive dos nossos ex-alunos que deixaram uma herança maravilhosa para tomarmos conta.

O semestre de nossa entrada foi sendo renovado no semestre seguinte com a entrada de mais moradores, como foi o caso do Lizin, do Stôpa, do Guiricema e do Índio. Depois deles vieram o K-Britão, o Pisquilha, o Confúcio, o Cebola, o Jamanta, o Morcegão e assim por diante. A seqüência vai sendo dada a partir da entrada e da escolha de pessoas que conquistam o título de “aquariano”, porque é fundamental que os novos moradores da casa estejam cientes que ali nada vem por acaso, mas é conquistado no dia-a-dia com a dedicação e o amor que vão se dando àquele ambiente.

Talvez algumas particularidades da vida republicana mereçam algumas considerações. A primeira delas é a relação dos *bixos* com os veteranos, porque em todos os momentos essa questão é fundamental de se pautar por gerar inúmeras incompreensões por quem não viveu essa realidade, que no nosso caso não tivemos maiores problemas quando chegamos, considerando que o Boinha, o BH, o Tixico, o Miolo, o Melekão, o Maurim e tantos outros que estavam lá no topo da hierarquia sempre tiveram o cuidado de nos colocar como pessoas que poderiam dar uma resposta ao que a casa precisava naquela oportunidade, seja investindo muito nas conversas e no ensinamento do que representava morar num ambiente como o da Aquarius, seja também repassando várias responsabilidades para que desde o início pudéssemos participar como protagonistas na construção da história da casa.

O fundamental dessa relação é o estabelecimento de um termo de confiança mútuo que selava todas as condições para que os novos moradores de fato assumissem de imediato os novos espaços gradativamente até que eles não estivessem mais ali no dia-a-dia para nos indicar o que era preciso fazer para a manutenção da república. Assim também ocorreu!

A figura do *semi-bixo* acredito que não irá mudar nunca, porque na missão de cuidar dos *bixos* e de mostrar serviço à casa eles ficam na situação desconfortável de se manterem autênticos na condição de recém-escolhidos, e ao mesmo tempo de sentir na pele o que os *bixos* geralmente passam nos primeiros meses na casa, onde a cobrança em cima deles é algo que diuturnamente vem de todos os lados, inclusive dos próprios *bixos*, que precisam ter as condições necessárias para conquistar o seu espaço. Tivemos como *semi-bixos* na nossa época o Juca Cipó, o Bagaçu e o Pardal, que cada qual a sua maneira tentava segurar as pontas daqueles *bixos* que inicialmente se portavam como figuras indecifráveis para a alma aquariana.

Mas *bixo* que é *bixo* só se depara realmente com o que representa a República quando conhece a figura do ex-aluno, que alguns na maioria das vezes passa mais a imagem de *pêla-saco* do que qualquer outra que o *bixo* na sua inocência possa imaginar ou se apropriar de imediato. Alguns poucos se superavam (e acredito que ainda superam até hoje) no quesito *pêla-saco* durante todo o nosso período de Aquarius, mas essa qualidade não era exclusiva deles, não, pois com certeza meus amigos de batalha não deverão se esquecer dos próprios moradores *pêla-sacos*, também, que foram fundamentais para que pudéssemos entender o quanto precisávamos nos tornar a cada dia mais responsáveis para cuidar de um patrimônio que eles também ajudaram e ajudam a se solidificar, sendo pautados dentro dessa convivência humana pela fraternidade, a generosidade, o espírito público, a irreverência, a preocupação com o outros, etc.

Também na minha época de Aquarius pude conhecer e conversar com diversos ex-alunos que estiveram na casa em ocasiões diversas ou até em outros ambientes, como o Mônica

(sempre sorridente!), o Ceará, o Beijin II, os dois Matipós (o fundador e o mais novo), o Tibagi, o Castor, o Peteca, Bunitim, o Rafael, o Chapa, o Bertão, o Zé do Coura, o Pita, o Gisele, o Calango, o Xacrete, o Xuvisco, Josálvaro, o Join (ex-aluno mais presente em toda a história da República), o Loyola, o Momô, o Zebu, o Nicolau, o Zebu, o Garfin, o Felipão, Mirtin, o 101, o Brecha, o Caio, o Binha, o Kika, o Butão, o Celsin, o Tchetchelo, o Marcin, Bronco, Miltão, o Cabral, o Paulinho Marambaia, o Mitz, o Pedrinho, o Tiufim, o Lukschal, o Teó, o Pombinha, o Perni, o Alto-Falante, o Zureta, o (Evando) Bontempo, o Bixo-Magro, o Piau, o Jean-Marc, o Quinquinha, o Jararaca, o Antigo, o Flavin, o Julião, Anemia, o Chapa, o Lulu, o Kuka, o Mané Cachaça, o José Wilson, o Campolina, o Tiufim, o Clarezão, o Chupa Bico, o K-Delão, o Marquinho, o Tatão (que faleceu num acidente aéreo num voo da Air France anos depois) e certamente tantos outros que não me lembro agora, que foram fundamentais para entendermos o quanto a preocupação dos ex-alunos com a casa motiva cada morador a cada dia se doar para que a República se torne um ambiente pautado por inúmeros valores humanos no sentido de se ter ali uma constante aprendizagem para a vida e a formação profissional.

Mas diante de todo esse caminho inicial de descoberta do *bixo* com os veteranos, os demais *bixos*, o *semi-bixo* e os ex-alunos, também posso dizer que a cada dia estou mais convicto que o ponto de equilíbrio na República sempre será a *Cumadre*, cujas feições maternas não se desfazem jamais³⁹.

³⁹ Nas comemorações dos 30 anos da Aquarius o Ex-Aluno Ceará escreveu um texto onde a homenagem às *Cumadres* teve grande destaque: “Minha homenagem especial às “comadres”, que tanto nos ajudaram a superar os momentos difíceis, com suas presenças simples, sinceras e singelas nas horas tristes e alegres”.

Na nossa época de batalha tivemos a Dona Regina como a nossa *Cumadre*, a nossa grande mestra, que vez ou outra levava sua filha Mercês para ajudá-la nas pesadas tarefas domésticas que estavam distribuídas nas seis alas e inúmeras dependências da Aquarius, principalmente nos momentos das festas tradicionais que a República organiza todos os anos, o que sempre gerava uma carga excessiva de trabalho a todos nós, como o 12 de outubro, o carnaval e a festa junina.

Também nas festas da própria República, das repúblicas amigas e, principalmente no CAEM, que a figura mais conhecida como *Kamofa* surge para tornar a vida mais alegre de um republicano, porque nas suas aventuras inesquecíveis todos têm sua chance. Até hoje não conheço nenhum morador de República que negue o seu contato mais direto com algumas delas (na última visita à Ouro Preto percebi que essa tradição está difícil de ser extinta).

Mas o rol de pessoas incríveis que faz da vida republicana única é imenso. Por incrível que se possa parecer, a *Cumadre* será a pessoa mais próxima dos *bixos* durante a sua batalha, também quase sempre em parceria com o Presidente da República na tarefa de cuidar do dia-a-dia do ambiente doméstico e das tarefas urgentes que aparecem para ser resolvidas a cada instante.

O primeiro Presidente da República com o qual nos deparamos naquele início de Aquarius foi o Bakana, que assumiu a tarefa num momento em que a antiga Cumadre estava se aposentando e a casa passava por um processo de reformas ou adaptações permanentes, como foi o caso da nossa boate e da ampliação da área do quintal com a construção de um muro de arrimo e outras melhorias.

Ao conversar com o Bakana no final de 2010 (quando estive em visita a Ouro Preto) tive a grata satisfação de relembrar uma história que aconteceu um pouco antes da nossa chegada na casa e que ele sempre fazia questão de nos contar, que o envolveu e a então Cumadre Dona Jandira⁴⁰.

Mas a *Cumadre* também aprende muito com os moradores e os ex-alunos, porque a conversa do Bakana com a Jandira só demonstra o quanto é importante tirarmos das pequenas coisas da vida muitas lições, inclusive de respeito, de integridade e de compreensão do outro para avançarmos e crescermos como pessoas.

O meu convívio praticamente em todo o meu período de Aquarius foi com a Dona Regina, mas ainda pude conviver um pouco com a *Cumadre* Dona Lucrecia, que também tive a grata satisfação de reencontrar na república na minha última visita no final de 2010, que me relatou algo que certamente todo mundo teve dificuldade quando pisou na Aquarius, que é saber e memorizar o nome de todos os moradores.

A “dica” mais importante para quem vai morar ou visitar uma república é que a opinião da *Cumadre* é muito importante, porque é ela quem tem a noção de conjunto e sabe avaliar melhor do que ninguém quando uma determinada

⁴⁰ **Depoimento do ex-aluno Bakana:** “Um caso interessante que aconteceu com a Dona Jandira (que já era uma senhora) foi com o filtro da República. Nessa época eu era o Presidente da República e fiquei encucado, porque o filtro estava sempre cheio. Um belo dia fui à cozinha e vi a Dona Jandira enchendo a parte de baixo do filtro. Aí eu falei: “Precisa colocar em cima para filtrar, Jandira”. Ela não sabia disso. Durante muito tempo todo mundo ficou tomando água na República sem filtrar. Mas comunicamos a ela que era preciso colocar a água em cima para filtrar”.

situação não está legal para um dos moradores e precisa ser orientado, assim o que é preciso para melhorar a administração da casa, porque nada mais nada menos ela cuida de duas casas ao mesmo tempo no seu cotidiano.

O que ouvi da *Cumadre* Dona Lucrecia naquela visita já me dava uma exata noção de como a República estava quando estive presencialmente pela última vez, porque quando me disse que “na Aquarius tem muita união, companheirismo e amizade” de imediato precisei que estava certo quando apostava que a geração seguinte poderia fazer muito mais e melhor que as anteriores, inclusive no tocante ao aperfeiçoamento das relações humanas e na criação de mais espaços de convivência entre os moradores, como é o caso da janta de domingo e tantas outras inovações dadas pelos moradores mais recentes.

Desde muito cedo aprendi que se o entrosamento do Presidente, da *Cumadre* e dos *bixos* não for impecável – considerando que essas três figuras precisam estar todo o tempo proativas para a manutenção da vida republicana –, o que se pode produzir de falhas fatais para a boa administração da República não serão poucas e nem serão de bom tom. Mas o bom da República é reconhecer que todos que passaram pela gente foram importantes e deixaram sua contribuição, como é o caso de tantas outras pessoas que também fizeram parte dessa grande família no nosso período de *bixo* (e como moradores escolhidos, também), como as turistas e os turistas que ficavam na casa em alguma oportunidade ou dos republicanos e republicanos das outras repúblicas amigas que iam pra lá exatamente para estudar todos os dias com os moradores.

As pessoas que também passavam a fazer parte da rotina da Aquarius, como é o caso das namoradas dos

moradores, que inclusive colaboravam com a própria República e os seus moradores. Lembro-me das dicas da Alessandra (então namorada do Mulambo) na área de Nutrição. E tantas outras de tantas pessoas que ficaria difícil registrar tudo no pouco espaço do livro, mas que foram essenciais para a nossa vida. É o caso de pessoas da própria cidade que iam sempre visitar a República, que a seu modo tentava nos dar boas-vindas a sua cidade e facilitar a nossa permanência por ali.

Mas vivíamos um período de mudanças significativas na República Aquarius, sendo a maior delas o início da abertura de vagas para outros cursos além da Engenharia, sem contar o início do crescimento do número de vagas e a abertura de novos cursos na Universidade, o que pressionava as casas a se adequarem a essa nova realidade.

Pode-se dizer com a maior tranquilidade que os “aquarianos” éramos 1% da população universitária da UFOP quando começamos a morar na Aquarius em 1995, sem contar que a maioria dos estudantes da Universidade moravam nas repúblicas que chamávamos de federais.

Os tempos mudaram desde então. Hoje isso já não se aproxima mais ao que era de fato na nossa época, porque para essa população universitária pequena era possível haver uma boa assistência direta dos funcionários da universidade no apoio à manutenção da estrutura física da casa, na reforma e feitura de móveis e até no convívio deles com os moradores.

Mas essa é apenas uma parte da história da República Aquarius, que é a parte inicial da nossa História nesse ambiente tão humano e desafiador. É preciso contar um pouco mais das nossas origens como República, o todo da História. É o que faço mais adiante! Mas volto de novo a nossa própria História e o seu final. Feliz! Com toda certeza!

A História da Aquarius que não vivi (ou aspectos da História Aquariana)

**“A vida em república talvez tenha sido um dos maiores legados que eu levei de Ouro Preto”
(Álvaro José da Cunha, Matipó, Ex-Aluno da República Aquarius).**

Como morador da República tive a grata satisfação de conhecer diversas dezenas de ex-alunos da Aquarius em todo o meu período de estudante, sem contar que após me formar pude fazer o mais importante estudo sobre a história de todas as repúblicas estudantis da cidade. Com base nessas informações de pesquisas e de conversas com os primeiros aquarianos, além de resumir a história da fundação da República Aquarius cujos primeiros moradores viviam o período de maior repressão da ditadura civil-militar, também contextualizarei a época em que a república foi fundada, que foi justamente um dos momentos mais áureos em termos de mudanças de comportamento nas juventudes. Diria que a República Aquarius teve até o momento três ciclos. O **primeiro** vai da fundação no final dos anos 1960 até o início dos anos 1980; o **segundo** até meados dos anos 1990; o **terceiro** começou na nossa época e ainda não foi encerrado, porque os atuais moradores ainda não modificaram por completo a estrutura que esse ciclo construiu. É possível que o terceiro ciclo seja o mais duradouro de todos, mas aqui chamo a atenção para que as diversas gerações ajudem os que lá estão tomando conta de nosso patrimônio a construir melhor esse novo momento que inevitavelmente vai surgir e não sabemos quando e que rumo irá tomar. Pela diversidade da

Aquarius e sua significativa responsabilidade de ser a maior das Américas, então é fundamental que cada ex-aluno ofereça sua contribuição a partir de agora, considerando que as repúblicas públicas da cidade hoje atingem apenas 10% da população universitária de Ouro Preto e nunca desaparece a ameaça contra esse patrimônio estudantil coletivo do qual todos colaboramos para o seu engrandecimento.

A juventude estudantil ouro-pretana vivia no final dos anos 1960 uma ebulição cultural, onde a questão comportamental e os estilos de vida foram variáveis que precisam ser analisadas em qualquer trabalho sobre o período.

O Festival de Inverno da UFMG tinha um pouco mais de dois anos de existência e já atraía para Ouro Preto uma legião de artistas, de jovens e de pessoas que cultuavam os novos comportamentos advindos do movimento hippie, onde a vida alternativa, a adesão contrários aos estilos burgueses, a vestimenta simples e a manutenção de barbas e cabelos grandes) tornavam-se parte das atitudes de muitos deles.

As festas e o seu excesso, a experimentação de um estilo comunitário e alternativo, a liberação sexual, a experimentação de sensações diversas com o consumo de álcool e outras drogas faziam parte desse cenário, também.

Após a conquista de mais casas para as repúblicas estudantis na Rua do Paraná, os estudantes oriundos das antigas repúblicas Ninho do Amor e Nau sem Rumo foram instaladas em duas casas, enquanto a República Pulgatório e a Aquarius surgiram justamente aí nesse espaço após a entrada dos primeiros moradores.

A fundação da República Aquarius se confunde com a própria fundação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), porque se enquanto a UFOP oficializou sua criação em 21 de Agosto de 1969, A Aquarius em 20 de Agosto de 1969. Mas ainda é uma data contestada por alguns ex-alunos, que dizem ser em 1970 que a República foi definitivamente fundada.

A data estabelecida como agosto de 1969 se deve ao fato de que nesse período já residiam diversos estudantes que depois seriam conhecidos como “aquarianos”, bem como os vestígios deixados marcados numa mesa com a inscrição 19 de agosto de 1969.

Mas pode-se dizer sem nenhum pudor que no início de 1970 que a Aquarius realmente começava a tomar o seu porte de República, porque aí teve a reunião oficial de fundação. Foi também escolhido o nome da República e o seu símbolo oficial, “o timão”, bem como começou a seleção dos moradores das repúblicas entre os próprios estudantes, também sempre foi uma questão de honra em Ouro Preto. Isso se deu sem interferência da UFOP, porque as pessoas foram ocupando a casa ainda em reformas e foram chamando outras para ocupar os espaços, considerando que o medo em haver outra destinação para o imóvel era muito grande. Sem contar que a necessidade de moradia também obrigou esses primeiros aquarianos a antecipar a sua ida para o imóvel em reformas.

A UFOP fez um grande reforma na casa, inclusive com adaptações e novas obras, como é o caso dos barracões de cima e o de baixo, além da melhoria do sistema elétrico e do telhado⁴¹. Os primeiros aquarianos conviveram com essas

⁴¹ **Depoimento do Ex-Aluno Milton Realino:** “Na época a casa era relativamente nova e, portanto, as necessidades de manutenção

obras, como é o caso do Evandro Bomtempo, do Roberto Brandão, do Botiô, do Campolina, do Teófilo, do Norival, do Luiz Romano Russo, do Quinquinha, do José Wilson, do Pinga, do Matipó, do Jequeri e de tantos outros nomes fundadores da República⁴².

Também se formava o primeiro lote do patrimônio da casa, como fogão e demais mobiliários e equipamentos que “eram adquiridos com recursos dos republicanos e ali deixados quando se formavam”⁴³.

Também faz parte do “patrimônio” da Casa o seu próprio nome “Aquarius”, sua marca “o timão” e toda a produção artística, cultural, política, social e humana desenvolvida ali dentro até hoje.

A escolha do nome veio justamente desse período denominado Era de Aquarius e pelas particularidades que se desejam imprimir no dia-a-dia da República. O “timão” foi confeccionado pelo Ex-Aluno Evando Bontempo, que pretendeu construir uma marca associada a esse novo rumo que era dado às moradias estudantis de Ouro Preto e tinha na Aquarius o melhor exemplo disso: o timão de um navio

eram poucas. Lembro da adequação da sala para televisão, pinturas e pequenas manutenções. Na realidade, foram serviços com baixo investimento”.

⁴² **Depoimento do ex-aluno Campolina:** “A ocupação da casa se deu antes mesmo de completar a reforma e a ampliação, uma parte da parte de baixo ainda se encontrava na fase de reboco e ante a ameaça de invasão e por insistência e necessidade absoluta de alguns alunos, o senhor Diretor, cansado do “xororo” de alguns mais necessitados autorizou a ocupação precária do prédio, isto no mês de fevereiro de 1970”.

⁴³ Trecho do depoimento do Ex-Aluno Zureta.

simbolizava bem o sentido de direção/rumo e sintonizava muito com o símbolo da água que era forte nesse momento.

Nos registros da área de Patrimônio da UFOP encontramos documentos do registro do imóvel da República, os termos de compra e venda e da escritura do mesmo, sem contar o título de domínio à Escola de Minas da UFOP pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

O imóvel foi adquirido pela Escola de Minas do antigo proprietário, o rádio técnico Antônio Lisboa Vieira e sua esposa Maria Xavier Vieira, lavrando a escritura de compra e venda no Cartório do 2º Ofício no dia 20 de dezembro de 1968. O valor da transação imobiliária foi de NCr\$40.000,00, tendo o proprietário do referido imóvel adquirido o Título de Domínio pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto no dia 27 de março de 1979.

No Cartório do Registro de Imóveis da Comarca de Ouro Preto, na data de 03 de março de 1983, a proprietária Escola Federal de Minas de Ouro Preto adquiriu o registro do imóvel da Aquarius.

A proprietária anterior ao Senhor Antônio Lisboa Vieira e sua esposa foi a Senhora Maria Ambrosina Ribeiro Magalhães Gomes, cuja escritura pública foi lavrada em 30 de junho de 1967.

Quando da aquisição do imóvel pela Escola de Minas, o diretor da Escola representou a instituição, que estava ocupado pelo Professor Antônio Pinheiro Filho. Na transação imobiliária registrada no Cartório do 2º Ofício de Ouro Preto estiveram como testemunhas os senhores Anselmo Marotta e João Lima Alves, sendo tabelião Antônio Augusto dos Santos.

Essa pré-história da Aquarius é fundamental para se entender que o imóvel foi uma conquista dos estudantes envolvidos nos movimentos estudantis, mas também teve a

condescendência da própria direção da Escola de Minas, que entendeu a compra de imóveis como um investimento de longo prazo, considerando que o volume de verbas abundante nem sempre era totalmente aplicado ano a ano.

Também nessa pré-história tivemos a decretação do Ato Institucional número 5 (o famoso AI-5), de 13 de dezembro de 1968.

Não foi por acaso que a Aquarius foi uma república muito visada em Ouro Preto, pois era a que tinha maior quantidade de vagas. Como tinha um peso na acomodação estudantil e encontrava-se numa localização privilegiada na cidade de Ouro Preto, a Aquarius incomodava.

Foi apelidada de Argélia pela estudantada quando foi fundada, pois muitos dos moradores que estavam “banidos” do acesso às demais repúblicas tiveram na Aquarius o seu porto feliz e seguro, numa comparação aos exilados do regime militar que foram recebidos na Argélia após sofrerem perseguição no seu próprio País após a troca por um embaixador seqüestrado pelos militantes da esquerda revolucionária brasileira.

Mas faltava à República Aquarius o que as outras repúblicas já tinham: um espírito de corpo. A própria geografia da casa não facilitava isso, porque embora pelo tamanho do imóvel sugerisse que as pessoas tinham dificuldade de se encontrar com facilidade, então a falta de espaços de convivências como uma simples sala criava um abismo ainda maior na relação e convívio dos moradores. A copa e a cozinha eram os únicos espaços de encontro, drasticamente limitados e reduzidos. Isso só foi resolvido mais adiante.

Também não existia uma rotina, nem um modelo a ser seguido. A aproximação inicial, na verdade, criava um

distanciamento maior entre os moradores, pois os quartos espalhados não coadunavam com a necessidade de gerar interesses em comuns. Foi uma barreira. Mais as festas, a diversão e o momento político facilitavam as coisas.

A luta por direitos e as atrações na cidade colocavam em questão uma identidade estudantil que se tornava a cada dia uma marca na Aquarius: a aceitação do diferente, da forma como as pessoas eram, sem padronização.

Pode-se dizer que nos seus primeiros momentos a Aquarius chegou a abrigar cerca de trinta e oito moradores, considerando a quantidade de interessados e a necessidade de mais vagas para as repúblicas.

Foram esses moradores que constituíram nos espaços da casa a funcionalidade necessária para uma vida republicana plena. A sala de som ficava no último quarto da primeira ala da República, que atualmente é mais conhecida como a “*alas dos bixos*”. A sala de televisão ficava no maior quarto da sacada, porque o número de moradores era enorme e só lá comportava isso. Esse cômodo é usado atualmente durante todo o ano como área de estudo coletivo e, nas festividades, para abrigar os amigos da casa.

Na segunda metade da década de 1970 importantes obras foram feitas na casa, como a adaptação de dois quartos para a construção de uma sala de televisão (com a cessão de um pedaço para ser uma cozinha da vizinha República Ninho do Amor), a construção da boite – após a descoberta de um porão – e a enorme caixa d’água para suprir as deficiências das constantes faltas dela na cidade⁴⁴.

⁴⁴ **Depoimento do Ex-Aluno Xuvisco concedido a mim no início de 2011:** “Também é da nossa época a transformação de dois quartos numa sala de convivência, que existe até hoje. Não havia nada nesse sentido. Também foi nesse período que construímos

Mas a mudança dos espaços da Casa com a criação de áreas de convivência contribuiu em muito para que da República em definitivo ampliasse o leque de contatos entre os moradores e mudasse bastante no quesito sociabilidade⁴⁵.

Também consta como grande “obra” nesse início a solidariedade⁴⁶, que já era construída suas bases quando o estudante estava na fase de *bixo*, cuja aproximação com os demais moradores era fundamental para ser avaliado e aceito como morador efetivo⁴⁷. Isso é falado por 100% dos ex-alunos⁴⁸, inclusive trabalhando com o conceito de família nas suas lembranças⁴⁹.

uma caixa d’água (que fica perto da copa), resolvendo o problema sério que tínhamos naquele período”.

⁴⁵ **Depoimento do Ex-Aluno Rafael na festa dos 30 anos da Aquarius:** “No começo da Aquarius é que não se tinha espaço para se encontrar, porque era tudo corredor. Só que, através da Reitoria, a gente conseguiu a primeira vez foi derrubar dois quartos e fazer uma sala. E a partir daqui tudo começou a mudar. A Aquarius começou a mudar quando, através da Reitoria, nós conseguimos derrubar aquilo ali – porque eles deram mão-de-obra e material – e conseguimos fazer aquela primeira sala. As pessoas se encontram na cozinha, que não era um lugar para bater um papo. A gente ficava perdido. E mudou muito a história”.

⁴⁶ **Vejam o que me disse o Ex-Aluno Xacrete na conversa que tive com ele no início de 2011:** “Um fato que me marcou muito em Ouro Preto foi esse comportamento de solidariedade que existia entre nós aquarianos”.

⁴⁷ **Depoimento do Ex-Aluno Milton Realino:** “A gente ficava conhecido dos moradores e era escolhido por votação, numa reunião específica para este fim. Acredito que fui escolhido pelo bom relacionamento com os moradores da casa”.

⁴⁸ **Depoimento do Ex-Aluno Zé do Coura nos registros da Aquarius:** “Não consigo falar de minha vida em Ouro Preto,

Obviamente que no início tudo foi muito difícil, porque os moradores ainda estavam se conhecendo, havia a ausência de espaços de convivência e a aproximação entre todos no sentido de gerar solidariedade era muito mais difícil. Mas até nas dificuldades os “aquarianos” se superavam e conseguiam fazer coisas incríveis⁵⁰.

A batalha que existe até hoje é pautada nessa característica de vida em grupo, de solidariedade e generosidade⁵¹. Também são admitidas o respeito pelo ambiente da casa⁵² e tantas outras características que marcam

devido à grande variedade de acontecimentos. Só sei que foi aqui que me tornei gente e aprendi a viver”.

⁴⁹ **Depoimento do Ex-Aluno Xuvisco:** “A República até hoje continua sendo o elo ou a seqüência da família. Não pode parar, porque não tem como falar de Ouro Preto sem os estudantes e as repúblicas. Ouro Preto era realmente a casa da gente. E a República Aquarius ficou marcada na nossa memória”.

⁵⁰ Depoimento do Ex-Aluno Matipó (antigo): “A vida em república talvez tenha sido um dos maiores legados que eu levei de Ouro Preto. Isso aqui é um aprendizado de democracia, de convivência, de relações humanas. Coisa que você não teve na Escola, a República te ensinou”

⁵¹ **Depoimento do Ex-Aluno Bombeiro:** “As vagas eram muito disputadas. Todos queriam morar em repúblicas! Era necessário demonstrar capacidade de viver em grupo, caso contrário não era escolhido, em eleição democrática, para se morar na República. É lógico, cristalino e inquestionável! (...) Por morar em repúblicas aprendi ser mais humano, mais paciente e me treinei na arte da coerência. Quem não é coerente não tem vida fácil quando se mora em Repúblicas”.

⁵² **Depoimento do Ex-Aluno Zureta:** “O sistema fazia com que todos se socializassem e aprendessem a conviver com opostos,

o modo de vida “Aquariano”⁵³. Até hoje não se esgotam as narrativas sobre a importância de se ter essa experiência de vida em repúblicas para a vida e a profissão⁵⁴.

Talvez atos simples como tirar as roupas dos colegas do varal quando a chuva começa ou ceder o seu quarto quando familiares deles visitam a República podem entrar nesse rol da solidariedade, que sempre são estimulados pelos moradores mais antigo e até pelos ex-alunos⁵⁵.

Também é fundamental nessa história registrar a solidariedade com as pessoas da cidade e os próprios colegas. A principal pessoa que representa o elo dos estudantes com a cidade é a *Cumadre*, embora tantas outras formas foram sendo adotadas com outros grupos da cidade, como é o caso dos jogos de futebol com os times da cidade ou mesmo a atuação direta na cultura da cidade, como foi o caso do Ex-Aluno

opponentes, diferentes, enfim, convivência pacífica, altamente democrática, livrando-nos de egoísmos e individualismos”.

⁵³ **Depoimento do Ex-Aluno Ceará:** “Aqui ninguém olha as procedências, as posses e o poder aquisitivo de uma pessoa. A construção de relacionamento e de amizade é construído durante os anos de convivência nessa casa. Eu me sinto extremamente feliz e orgulho de ter morado nessa casa. Eu acho que eu tenho aqui a emoção de reencontrar vários irmãos nesse momento”.

⁵⁴ **Depoimento que coletei do Ex-Aluno Julião:** “[A graduação] foi considerada uma das épocas mais gostosas que eu passei na vida, que é uma época em que você aprende a ser homem, a respeitar o diferente, o próximo”.

⁵⁵ **Depoimento do Ex-Aluno Xacrete:** “É muita solidariedade na República. O recado que dou para os aquarianos de hoje é que prossigam com esse comportamento. Só em Ouro Preto a gente vê isso. Esses lances de solidariedade, amizade e ajuda mútua me marcaram muito”.

Rafael Ayres, que foi membro atuante na Escola de Samba Padre Faria.

As excursões também possibilitaram um intercâmbio maior com a cidade, porque a República se tornava o elo de ligação dos diversos estudantes ou turistas que vinham de fora com a população da cidade⁵⁶.

Não menos importante nessa vida republicana são os vizinhos, que sempre foram solidários com os “aquarianos” e tiveram também o seu apoio no momento em que precisavam.

Desde quando a Aquarius é Aquarius e até hoje, a nossa principal vizinha é a Dona Zina, que é irmã do famoso Padre Mendes, que viveu naquela casa no fim de sua vida. Inclusive uma das filhas de Dona Zina se casou com o “aquariano” Santelmo.

Foram os primeiros aquarianos que tinham no telefone dessa nossa vizinha um contato de emergência que poderia ser acionado a qualquer momento, considerando que não havia *internet* naquele período. O máximo que se tinha além do telefone, que além de ser um serviço escasso e muito caro, era a simples carta encaminhada pelos Correios⁵⁷.

⁵⁶ **Depoimento do Ex-Aluno Rafael:** “A República passou por mudanças importantes na nossa época, como a arquitetura da nova sala, as grandes festas juninas e as excursões de meninas do interior do Estado do Rio de Janeiro. Também vivenciamos no novo campus do Morro do Cruzeiro e a festa dos 100 anos da Escola de Minas, em 1976”.

⁵⁷ **Depoimento do Ex-Aluno Xacrete:** “Como não tínhamos telefone naquela época, os vizinhos nos ajudavam emprestando o telefone. Na época eu namorava a minha esposa de hoje, que estudava em Uberaba e fazia Odontologia. A gente se comunicava por carta, mas quando dava vontade de ouvir a voz do outro e aquela coisa assim, a gente marcava uma hora e eu ia para o posto

Também se utilizou durante bastante tempo o posto telefônico da Rua das Flores, até que a República adquiriu o primeiro telefone que tinha como assinante o morador Nicolau.

É um tanto quanto difícil definir esses primeiros momentos da República Aquarius, mas talvez uma produção artística que resume muito bem esse primeiro momento da Aquarius tenha sido a música feita pelo Ex-Aluno Tiufim em homenagem à República, que pode ser considerado o primeiro hino da Casa:

*“Ah, Ah, Ah....Ah, aqui, iiiiii.
Sempre há lugar
República melhor não há
Já contamos com bom batalhão
Índio, escoteiro e malões.
A verdade sempre é está:
Nesta casa tudo é festa
Sou do Norte ... sou do Sul sou do Leste .. sou do Oeste
Sou brasileiro.
Fui artista-vendedor fui lojista-comprador
Já trabalhei o ano inteiro
E hoje estou a me formar
Adeus Escola de Minas
Adeus meninas”.*

telefônico de Ouro Preto. Começamos a namorar em 1975. Mas o telefone da Dona Zina era de emergência caso acontecesse alguma coisa comigo ou com a minha família. Naquela época telefone era privilégio”.

A solidariedade dos “aquarianos” se expandia junto às outras repúblicas, como foi o caso do “envio” do Bronco e do Mané Cachaça numa missão oficial da Casa no apoio aos estudantes da República Jardim Zoológico, que estavam se mudando após uma enchente que levou literalmente a casa água abaixo em 1974.

Segundo um relato do Ex-Aluno da Zoológico chamado Adilson Rodrigues, numa tarde chuvosa de domingo só foi possível oferecer a esses dois aquarianos “um passeio de Mercedes Benz, azul, pelas carrocerias, em meio à mudança, regados àquela esquecida vodka que agora tinha sabor de vitória”⁵⁸.

Outro aspecto importante de registro era a dificuldade de se conseguir uma namorada em Ouro Preto, porque as pessoas do sexo feminino era uma raridade na imensidão de homens que estudavam em Ouro Preto. Mas segundo o Ex-Aluno Julião, a estratégia de muitos “aquarianos” naquele período era infalível, porque sabiam que o senso de oportunidade tornava-se uma característica importante para se conseguir alguma coisa nesse selvagem mundo com poucas mulheres:

“O Bunitim era o mais bonito da Aquarius. E em Ouro Preto naquele momento havia uma dificuldade danada de se encontrar mulher. E o Bunitim sempre que saía a mulherada ficava em cima dele. Todo mundo disputava para sair com o Bunitim, porque ele era ruim de papo. Mas em compensação, quando em meia hora de papo a mulher o largava, os outros pegavam. No outro

⁵⁸ Essa história está publicado no *site* da República Jardim Zoológico.

dia ele perguntava: “Mas, como vocês pegaram? Eu não peguei a mulher”. E o pessoal da república inteira rindo disso”.

Além da história da Aquarius se confundir com a história da UFOP, também é importante salientar que nas datas importantes da Escola de Minas os aquarianos sempre se destacaram, como foi no caso do centenário da própria EMOP em 1976, que tiveram aquarianos como o Bunitim participando de uma apresentação do Teatro da Escola de Minas⁵⁹ ou de outro aquariano discursando na sessão solene da comemoração do Centenário para todos os presentes como representante dos estudantes e o movimento estudantil, como foi o caso do então Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Minas, morador da República Aquarius e hoje Ex-Aluno Clarezão⁶⁰.

⁵⁹ **Depoimento do Ex-Aluno Bunitim:** “Tive o prazer em participar da festa do centenário da Escola de Minas, inclusive atuando como ator representando algumas histórias de alunos e situações pitorescas, no Teatro Municipal de Ouro Preto”.

⁶⁰ **Trecho do discurso do Ex-Aluno Clarezão na solenidade na qual representava os estudantes da EMOP:** “Mais uma vez, encontra-se reunida a família Emopiana, ao ensejo das comemorações do Centenário de nossa Escola de Minas. (...) Ao longo de um século de profícua existência, a Escola de Minas, pioneira no Brasil no ensino de Geologia, Mineração e Metalurgia, preparou e entregou à sociedade brasileira homens que se distinguiram em quase todos os setores da vida humana. (...) Tudo isso contribui para que nós, os alunos da Escola de Minas, dela tenhamos orgulho e fiquemos imbuídos da parcela de responsabilidade que temos na preservação de seu passado de glórias. (...) Mas, para isso, é necessário que a Escola ouça e atenda

Nesse mesmo Centenário da Escola de Minas a equipe de futebol consagrou-se como a campeã do Torneio do Centenário, cuja comemoração foi extremamente representativa das festas da Casa e culminou com a continuidade da vibração em tantos outros torneios em que o time participou e ganhou.

Cajuri e o Matipó sempre são os mais lembrados desse time, mas é impossível não mencionar o Join e o Ceará abraçados ao enorme troféu conquistado pela Aquarius nesse centenário, cuja emoção e alegria estão ali estampadas de forma vibrante e envolvente numa das raras fotos desse acontecimento.

A festa do Centenário da Escola de Minas na Aquarius durou “teoricamente” do dia 08 ao dia 12 de outubro de 1976. Foi marcante o torneio de “caixetão” – que sempre foi uma das marcas da Aquarius até o início dos anos 1990 -, cujos principais destaques eram o Julião e o Perni.

O Convite trouxe uma mensagem muito bonita, que reproduzo abaixo:

*“Porque não vir a Ouro Preto?
a saudade cicia
e continua branda. Venha cá
Tudo é belo e cortante na
coleção de ruas.*

algumas de nossas reivindicações, que consideramos das mais justas, de modo que possamos desenvolver nosso trabalho, em ambiente adequado e em condições propícias. Assim, é necessário que a Escola, ou a Universidade da qual ela é hoje uma unidade, procure resolver o antigo problema de moradias, do conhecimento de todos, problema que se agrava a cada ano”.

*Dos becos estreitos que levam
ao amor
nos espelhos de luz e penumbra
onde se projetam os seus jogos
de viver
Ande! Venha cá. Venha já
Contamos com você”*

A estrutura da República ainda comportava um espaço em comum no quintal das quatro Repúblicas da Rua do Paraná chamado “Bêra-Bosta”, que foi carinhosamente chamado assim por estar ao lado de um verdadeiro esgoto a céu aberto que passava pela Ponte da Casa dos Contos e seguia caminho até a Barra.

O Bêra funcionava quase que como um centro de treinamento dos jogadores da República Aquarius, cujo terreno acidentado e íngreme possibilitava uma série de exercícios físicos e testes de equilíbrios, também.

Foi nesse mesmo Bêra que aconteceu a primeira festa junina da Aquarius e tantas outras, que reuniram centenas de estudantes e de moradores de Ouro Preto, contando inclusive em várias ocasiões com a presença do prefeito da cidade.

Mas o final dos anos 1970 foi marcado pelas grandes arruaças de alguns moradores (sempre com o apoio grande de quase todos os demais moradores), que inclusive culminou na prisão de diversos aquarianos.

Numa delas decorreu da famosa perturbação da ordem pública quando alguns moradores saíram de madrugada fazendo um batuque pelas ruas de Ouro Preto e foram todos presos. Na delegacia ficaram numa ampla cela destinada a estudantes, arruaçeiros e bêbados que geralmente

incomodavam, mas não representavam nenhum grande “perigo para a sociedade”.

O lance final dos estudantes ocorreu com um *ranka* com as próprias meias ajuntadas num tipo de bola improvisada e a realização de uma verdadeira festa dentro da prisão, o que foi inevitável a pronta a rebelião dos outros presos para que aquela bagunça acabasse ali mesmo do modo particular deles: a ameaça e a intimidação ⁶¹.

Nesse período a Aquarius abrigava estudantes que podemos dizer tinha um comportamento meio difícil, como é o caso do agora ex-aluno Xacrete, que era famoso por provocar por demais alguns moradores, mas que era tolerado e compreendido porque a casa tinha esse espírito de aceitar as pessoas como elas eram. A estratégia dos moradores foi trazer um outro estudante com o mesmo perfil do Xacrete para tentar neutralizá-lo, o Jararaca, mas o impactante dessa

⁶¹ **Eis o depoimento do Xacrete:** “Lá na cadeia os onze presos da República Aquarius tiramos as meias e fizemos com elas uma bola. E jogamos um ranka dentro da cadeia. Só que teve um problema no nosso ranka. Achavamos que estávamos no campo do Bêra-Bosta. E se estávamos nas ruas incomodando a população, lá dentro da cadeia começamos a incomodar os presos condenados, que estavam numa cela contígua a nossa. Aí os presos condenados fizemos um jogo de fumaça colocando alguma coisa para queimar. E como eles conheciam bem ali aquele labirinto, então aquela fumaça começou a nos incomodar. Além da fumaça incomodando, eles ainda ameaçavam assim: “Nós vamos conversar com o carcereiro para passar os estudantes para a nossa cela. E queremos que ele passe um a um, porque nos precisamos de carne nova”. Aí nesse momento acabou-se o ranka e o silêncio foi total. E esperamos amanhecer o dia para o Doutor Edmundo José Vieira ir lá nos tirar”.

história é que ambos se tornaram amigos e juntaram as forças criando problemas em dobro para os “aquarianos”⁶².

O que chamaria de **primeiro ciclo** da Aquarius encerrou-se justamente no momento em que a geração de fundadores e os que estavam ligados diretamente a eles começaram a deixar a República e outros moradores assumiam os seus lugares. O ano de 1980 marcou uma formatura coletiva que possivelmente não se repetiu mais na Aquarius, porque mais de dez aquarianos se formaram nesse mesmo ano.

Inicia-se a chamada “Década Perdida”, onde o País sofreu uma estagnação econômica significativa e os cortes sucessivos no ensino superior não ficou por menos.

Mas diria que a década não foi tão perdida para a Aquarius, porque logo no início da década a República passou a ter uma *Cumadre* que se figurou como uma das mais extrovertidas em toda Ouro Preto. Era do Morro de Santana e

⁶² **Depoimento do ex-aluno Xacrete:** “Eu era uma pessoa muito brigona. Brigava com todo mundo, tanto com pessoas de fora da república, com pessoas às vezes tinha atritos com pessoas da própria república. Mas nada de ódio e de rancor, era uma briga. Então, o pessoal da República montou uma estratégia. Havia em Ouro Preto uma pessoa mais ou menos do meu nível, muito brigona e famoso. Era o Jararaca. O pessoal da república pensava que trazendo o Jararaca para morar ali, ele ia me combater. Mas eles se esqueceram que semelhante atrai semelhante. Resultado: a estratégia dos aquarianos não deu certo, porque o Jararaca e eu ficamos amigos. Então, se a república tinha um problema, que era eu, passou a ter dois problemas: o Jararaca e eu juntos. Fizemos muita bagunça e arruaça juntos. Mas acreditamos que não deixamos inimizades com ninguém, porque era coisa de estudante”.

sua família sempre vivenciou dificuldades devido ao estado de pobreza no qual estavam submetidos.

Trata-se da Dona Jandira, que sempre usou um vestido longo e anda até hoje com um lenço amarrado na cabeça. Ficou conhecida na Casa por acordar o pessoal de manhã cutucando “levemente” o cabo de vassoura nas portas na tentativa de tentar agilizar o despertar dos mais dorminhocos. Foi conhecida pela algazarra durante o exercício das suas tarefas. Para o Ex-Aluno Piau:

“Jandira reclamava muito na hora de encerrar a República, porque ela ficava muito cansada. E vinha ajudá-la uma Cumadre da República Nau sem Rumo e ficavam as duas na maior alegria. Jandira reclamava que havia muitas almas soltas na República. Ela dizia: ‘Mas, Piau, a zamba tá solta aí, meu filho’. Sempre falando que ouvia as almas por dentro da República”.

Também não foi uma década perdida para a Aquarius porque se montou um dos times de futebol que se figurou entre os mais competitivos de Ouro Preto, tendo inclusive poupado do trote do cabelo um *bixo* que foi integrado ao time oficial e que foi um das grandes apostas vitoriosas dos “aquarianos” naquele período, o Piau⁶³, cujo time tinha como

⁶³ **Depoimento do Ex-Aluno Piau:** “Depois de passar no vestibular e ser aceito como morador da República Aquarius, o meu trote, como eu tinha um cabelo muito grande, os tigrões não permitiram que eu repassasse a cabeça e me mantive de cabelo grande durante todo aquele tempo, isso porque a força da bola predominou. Porque como eu sabia mais ou menos um pouquinho de futebol, o pessoal

goleiro o Pinguim, seguido de Goiano, Coalhada, Jorge Ney e outros que já jogavam no time (*idem*).

É importante frisar que se manteve a participação dos “aquarianos” na evolução da UFOP, como é o caso do Marcin que ajudou a criar e coordenou um curso de joalheiros pelo Escritório-Piloto dos estudantes da Escola de Minas e foi membro do coral da UFOP, bem como de tantos outros aquarianos que foram das entidades estudantis históricas de Ouro Preto, como o CAEM, o REMOP, o Diretório Acadêmico da Escola de Minas e tantas outras.

Pelo que andei conversando com o pessoal dos anos 1980 e pelos registros deixados por ali, acredito que essa década tenha sido aquela em que os moradores mais puderam viver a vida republicana em sua plenitude, porque eles não tiveram as dificuldades iniciais de formação e consolidação da República nos anos 1970, muito menos vivenciaram o período de enormes mudanças no sistema universitário brasileiro que atingiram em cheio a vida das repúblicas a partir dos anos 1990. Essa pelo menos é a impressão que tenho.

Em 1981 o time da Aquarius fez pela primeira vez uma excursão esportiva para Furquim, que foi repetida várias outras vezes nos anos seguintes. Também muitos “aquarianos” se tornaram atletas do time da ADEM (Associação Desportiva da Escola de Minas) a partir desse período, inclusive.

Até o fim da década de 1980 o futebol está marcado história da República, desde os famosos *rankas* no Bêra-Bosta ao campeonato das Repúblicas Estudantis. Segundo o relato do Kroaca (Ex-Aluno da República Tabu), foi num desses

achou por bem ma manter de cabelo grande. E eu passei a integrar o time da República Aquarius”.

campeonatos (possivelmente o de 1988) numa final Aquarius *versus* Tabu que o pau quebrou após um suposto erro do juiz da partida (o Abelha da República Baviera) na final de um dos campeonatos entre as repúblicas. É bom lembrar que até então as partidas eram feitas na quadra da Escola de Farmácia, que anos depois foi interditada (risco de desabamento) e nunca mais passou a ser o palco dessa grande confraternização entre as repúblicas. Após o juiz converter uma lateral a favor da Aquarius (o pessoal da Tabu jura que isso foi um equívoco) e ter sido rapidamente batida pelo Piau resultando no gol da vitória, os tabuanos fecharam o tempo ali. Em vão. A Aquarius mais uma vez foi campeã e eles vice-campeãs na disputa das repúblicas.

Esse também foi um período em que o “social” estava mais evidenciado, onde se ouvia falar mais dos *bondes* e das *curriolas*, porque se podiam desfrutar da vida republicana até com mais intensidade e com mais condições que os de outrora, que inclusive foi percebido por familiares de um digno representante dos anos 1980, o Ex-Aluno Tatão:

“Nesse caso aqui de Ouro Preto em que a gente vive um social muito grande, eu me lembro que no dia da minha formatura a minha mãe enfatizou isso, que ela nunca tinha visto um sistema tão social. Eu acho que nós vamos levar isso aqui de Ouro Preto, que é uma característica geral de Ouro Preto, e específico da República Aquarius, que todo mundo falava que essa casa enorme não tem unanimidade. Eu acho que em quase nada na vida a gente tem unanimidade. Muito pouca coisa

infelizmente em quase nada gostoso a gente tem unanimidade”.⁶⁴.

O período também foi marcante na Aquarius porque foi crescendo o leque de amizades dos moradores com diversas pessoas que visitaram a República e mantiveram laços de amizade que se mantêm até hoje, como é o caso da Cláudia (que inclusive foi “adotada” pelos aquarianos por um período nessa época), da Du Carmo, do Bob-Galo e de tantas outras pessoas que também foram homenageadas pelos aquarianos ao longo de sua história como parte dessa família.

Também tivemos registros importantes da Aquarius que mostram a passagem de muitas pessoas que ficaram encantadas pela casa nos discos de vinil, que atualmente se encontram sob a guarda da “Aquariana” Du Carmo em sua pousada em Lavras Novas.

Por esses discos temos a noção de como todos os ritmos estiveram presentes nas festas da Aquarius, desde o ritmo da “lambada”⁶⁵ que vingou durante vários anos,

⁶⁴ Depoimento do Ex-Aluno Tatão em uma das festas do 12 da Aquarius (s.d).

⁶⁵ Registro de uns discos de vinil doados à República: "Aos aquarianos, desejamos que nas lambadas da vida predomine sempre sentimentos de compreensão e paciência. FELICIDADES. Adoramos vocês. Solange, Shirlene e Leandra B. Hte. 24/06/90" (Disco de Lambateria Tropical 2).

passando pelo Rock⁶⁶ até a nossa MPB que nunca deixou de estar presente em todos os momentos⁶⁷.

Pelos importantes momentos vividos pelo Festival de Inverno da UFMG no período em que estive presente em Ouro Preto nos anos 1980, que foi um período de grande visitação à Aquarius, inclusive com a presença constante de turistas que com certeza passaram bons momentos na República:

"Aquarianos, nosso desejo é que este Disco torne colorido o nosso encontro e transforme nossa despedida num até logo. Já estamos com saudades, e com vontade de voltar, beijos Consuelo, Florência 02/08/86" (Mensagem no disco de Milton Nascimento intitulado "Encontros e Despedidas").

Nos anos 1980 a República hospedava diversas turistas, principalmente durante o Festival de Inverno. Também as excursões que tomavam conta da Casa não foram poucas, que as gerações seguintes como a minha também puderam vivenciar. Inclusive lembro-me na minha época de pessoas ou grupos que vinham com frequência desde os anos

⁶⁶ Registro de outro disco de vinil doados à República "Aquarianos: "nós adoramos vocês todos! Um beijinho Bel, Nona, Ana, Bel 12/02/86" (Disco de Queen, *Thank god it's christmas*).

⁶⁷ Registro de outro disco de vinil doados à República "Aquarianos: "Aquarianos. Este disco é como vocês. Muito. Amamos todos vocês. Calu, Bel, Sheila e Adriana 13/10/81) " (Disco de Caetano Veloso, *Muito*);

1980 e conheceram muitos aquarianos ao longo de vários anos.

Alguns “mutirões” também aconteceram nesse período, sempre próximo das grandes festividades, que depois eram fechados com uma grande festa. O espírito universitário fica, mas as formas de vivenciá-lo é próprio de cada época.

Esse segundo ciclo foi marcado também por uma geração de aquarianos que tentaram resgatar o momento inicial da fundação da nossa República, inclusive chamando a atenção para o tempo livre numa das camisetas estampadas no período que trazia a frase “viva o ócio”. Que na verdade queria passar a mensagem de que viver numa república nessa fase deveria ser algo prazeroso e atrativo.

Talvez por isso algumas novas tradições tenham sido inseridas nesse contexto, como os trotes cada vez mais intensivos, a resistência em abrir vagas para estudantes que não fossem de Engenharia, a diversificação na seleção dos novos moradores e um repensar nas tradições vindas da própria Escola de Minas.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990 a Aquarius recebeu entre os seus moradores diversos estudantes estrangeiros que vieram fazer graduação na UFOP, assim como morou nos seus espaços estudantes de pós-graduação que também se integraram das mais diversas formas com as quais possivelmente não estavam acostumados. Dentre os estudantes estrangeiros que passaram pela República poderia citar o Pedro (paraguaio), o Rôia (boliviano), o Azul (angolano) e outros.

Também é digno de registro que o agora Ex-Aluno Butão foi o primeiro professor de capoeira formado em Ouro Preto e até se candidatou a vereador no ano 1992, inclusive foi um dos vários “aquarianos” que trabalhava no CAEM e no

REMOP para ter um recurso a mais para investir na sua formação.

Em 1994 a Aquarius fez uma grande festa comemorativa dos seus 25 anos, com a presença de muitos ex-alunos e os amigos e amigas da cidade de Ouro Preto e de outras cidades, cuja placa comemorativa foi confeccionada em madeira e fica dependurada na sala da República.

Além da República estar completamente ocupada nesse período com cerca de trinta e três moradores, também mantinha o mesmo espírito de integração de sua origem e o respeito às diferenças⁶⁸.

No período após os 25 anos da Aquarius, tivemos novamente em Ouro Preto um enorme questionamento quanto ao sistema de repúblicas federais da UFOP, inclusive com diversas ações de setores da cidade e até de órgãos externos visando “enquadrar” as repúblicas ou mesmo tirá-las do Centro Histórico.

Também estamos falando de um período com o início de cortes significativos nos recursos das universidades federais, inclusive da rubrica que trata especificamente da “assistência estudantil”, que criou dificuldades enormes na manutenção das repúblicas, pois estamos falando do fim das obras nas repúblicas e confecção de móveis para as repúblicas promovidas pela UFOP, sem contar a diminuição do número de bolsas de apoio ou o aumento constante no preço do bandejão.

⁶⁸ **O Ex-Aluno Bakana relatou isso a mim no final de 2010:** “A Aquarius é uma república que aceita opiniões de todos os moradores. A gente aprende a conviver com pessoas de idéias diferentes. E é muito legal porque você aprende a receber e a dar informação e aprende a conviver com o diferente”.

Um terceiro **ciclo** surgiu, porque com a vinda de novos moradores e a mudança gradual na estrutura da Aquarius, o que se viu foi a caracterização de novos estilos e perfis entre os moradores e a mudança significativa na organização da República.

A minha geração que veio depois foi a última a fazer mesas, camas, portas, guarda-roupas e diversos serviços de marcenaria na UFOP. Lembro-me das diversas vezes que saíamos da oficina na UFOP de frente do Parque Metalúrgico e subíamos a Rua da Escadinha carregando esses móveis até a nossa República.

É importante registrar nesse livro a tolerância e o diálogo que o então Reitor Renato Godinho Navarro teve com os moradores das repúblicas de Ouro Preto, porque só com um trabalho educativo seria (e é) possível melhorar o comportamento de alguns moradores das repúblicas que ainda não se enquadravam (ou enquadram) no aspecto do atendimento do interesse público e da formação humana no ambiente das nossas repúblicas.

A nossa querida República Aquarius vem sempre dando bons exemplos na formação cidadã e humana dos seus novos moradores, o que nos dá muita esperança quanto às inúmeras possibilidades de profissionais com uma boa base na arte das relações humanas (com um olhar mais aguçado sobre as necessidades humanas, a superação das divergências e a aceitação do outro com todas as suas diferenças).

É preciso entender a trajetória da Aquarius dentro dos seus limites e possibilidades, também buscando fornecer todo o nosso apoio e colaboração quando formos convocados. Só assim a República Aquarius vai adiante!

A República Aquarius nos tempos em que lá estive

**“Não consigo falar de minha vida em Ouro Preto devido à grande variedade de acontecimentos. Só sei que foi aqui que me tornei gente e aprendi a viver”
(José Fernando Coura, Ex-Aluno da República Aquarius)**

Na última parte do livro dedico-me especialmente ao momento em que vivi realmente como estudante de graduação em História e morador da casa. Cumpri todas as etapas, tendo batalhado vaga, escolhido como morador, responsável por escolher outros bixos e por promover muitas coisas na casa até a minha formatura e a minha posterior saída da República.

A batalha de vaga foi um momento especial, porque foi de muita aprendizagem e fundamental para que fossemos imbuídos de valores e conhecimentos necessários para que nos tornássemos aquarianos de fato e de direito.

Foi um momento de muitas reformas estruturais na República, como o vão aberto e adaptado na área da boate, a construção de um muro de arrimo no quintal da casa e tantas outras pequenas melhorias que se espalhavam pela casa, sem contar a nossa grande responsabilidade pela ajuda na rotina da casa, como ajudar o presidente na sua tarefa administrativa, a *Cumadre* nas suas tarefas domésticas, dar suporte a todos os moradores e nos dedicar aos estudos.

A tarefa inicial mais difícil foi a retirada de todo o entulho produzido na boite para o quintal nos finais de semana para a construção do murro de arrimo e a ampliação do nosso quintal, cuja tarefa era sempre acompanhada pelo Miolo, Pastor, Maruzzo, Magôo, Maurim, Chaminé, Finim, Boinha, Magiclick, Baé, Aranha, Tixico, Mulambo e os semi-bixos Juca Cipó, Bagaçu, Pardal e tantos outros moradores.

Além do esforço físico em descer com aquele verdadeiro carregamento numa padiola com o auxílio dos demais *bixos*, também tinha o esforço intelectual, que era retirar dentro daquela situação (que num primeiro momento poderia ser considerada de “exploração”) e das conversas que surgia com todos os republicanos nesse momento muitas idéias e reflexões sobre o que era viver numa república, a importância daquilo que estávamos produzindo e o impacto de tudo na nossa condição de futuro morador da casa.

E continuamos a fazer muito pela Aquarius nos mais diversos momentos da batalha e nas mais diferentes tarefas, inclusive a preparação da maior festa universitária das repúblicas que viria um pouco depois, a Festa do 12.

Quando chegou o momento da festa do 12, além de estarmos quase totalmente integrados com os moradores, também já tínhamos noção do que viria representar esse momento para a vida republicana, pois pode-se dizer que seríamos apresentados aos antigos moradores (ex-alunos) e conheceríamos muitas pessoas que passaram pela casa ao longo de sua história.

Além da tradicional ralação na festa, também teve o lado melhor, que foi conhecer muitas turistas, fazer o filme com os ex-alunos e chamar a atenção dos veteranos que iam nos escolher um pouco mais adiante, sem contar que também tínhamos a noção da importância financeira da mesma para a

manutenção física das repúblicas, a compra de equipamentos e a promoção de atividades em prol de todos.

O resultado disso tudo veio depois, que foi a compra do primeiro computador (com impressora) da República e a obtenção de um fundo para tantas outras melhorias na República a partir dali, cujos beneficiários maiores foram os aquarianos que já moravam ou os que estavam chegando, como era o nosso caso.

O final do período se aproximava. Com isso crescia a nossa ansiedade sobre a escolha, pois depois do 12 todos fomos pré-escolhidos e continuamos a nossa batalha, mas em momento algum tínhamos a certeza total de que estávamos indo bem ou seríamos realmente escolhidos, o que veio apenas em meados de dezembro com a aprovação de todos os *bixos* e a festança que marcou esse momento.

A Ligia (que namorava o Aranha) ajudou na decoração dos cabelos de nós bichos que seríamos escolhidos, mas só após a votação em reunião em que não participamos veio a resposta, que foi dada pelo Magiclick e uma galera que veio atrás dele (no bom sentido) a nós com um *vento* e muitos parabéns.

Lá na copa fez as honras à *bixarada* inicialmente Tixico e Maurim, mas quase todos (pelo menos o que não se preocuparam em se molhar) entraram na brincadeira.

A garantia da aceitação dos moradores gerou um sentimento de potência em todos nós, mas sabíamos que na condição de *semi-bixos* nada seria fácil, porque morador escolhido e aceito todos éramos, mas isso não se definia como uma grande estabilidade para continuar como morador da casa até o final do curso, porque dependia do nosso comportamento ali, da nossa demonstração de que realmente iríamos cuidar da casa e formar novos moradores e do

atendimento de uma série de pré-requisitos que só quando saímos da casa é que percebemos o quanto morar numa república exige do indivíduo em tudo.

O meu primeiro semestre como *bixo* foi muito corrido, pois embora a maioria das minhas aulas fossem no turno da noite, a ida para o ICHS sempre era algo muito demorado, o que sempre exigia a saída quanto mais cedo para não chegar atraso. Também pude conhecer melhor as cidades de Ouro Preto e Mariana, pois fui um dos participantes do projeto de extensão que visava apresentar essas duas cidades aos calouros, bem como fui até participar de uma passeata dos servidores da Prefeitura nas ruas da cidade como um curioso.

Ao começarmos período da Aquarius na condição de *semi-bixo* tivemos mais uma experiência ímpar, porque ficamos diretamente responsáveis em formar os próximos estudantes que pretendiam se tornar aquarianos, que teve Stôpa, Lizin e Guiricema como os nossos primeiros *bixos*. Índio veio um pouco depois no meio do semestre.

Foi um semestre muito agitado, porque passamos a participar das primeiras reuniões como moradores, também ávidos de aprender melhor sobre a estrutura da casa e que podíamos de fato contribuir naquela nova etapa.

De imediato propus que se fizesse um espaço próprio para uma biblioteca, bem como sugeri que a República adquirisse livros de interesse e importantes para a formação de todos os moradores. Também fui cuidar do acervo da República, principalmente no incentivo dos registros e na própria documentação do que fazíamos naquele espaço.

Um importante momento da casa foi quando começamos a propor a ampliação do número de vagas para os estudantes que não fossem de Engenharia, que ainda era reduzido ao número de três moradores, apenas. Isso gerou um

grande debate, porque justamente naquele momento entrou um estudante de Filosofia para tentar uma vaga e o pessoal deixou ele ir ficando. Mas isso foi provisório, porque a decisão foi a de que a República deveria continuar mantendo o mesmo número de vagas até que os que as ocupavam se formassem e dessem espaço para novos estudantes.

A mudança da Aquarius não tinha como segurar, porque os novos moradores mais alguns que já tinham mais tempo começaram a cada momento propor novas idéias na gestão e na vida republicana como um todo, inclusive no exemplo diário e na demonstração didática junto a todos os moradores nas reuniões e nas conversas diárias. Lembro-me muito da liderança do morador Pastor nesse momento, que conseguia convencer de forma magistral tendo sua experiência anterior na Escola Técnica como um grande instrumento, porque a vida anterior em Ouro Preto antes da Aquarius ajudava bastante os estudantes a compreender e a intervir da melhor forma.

A minha geração conviveu com os primeiros moradores dos mais diversos cursos além da Engenharia, tais como História (fui o primeiro), Letras (Maurim foi o primeiro), Farmácia (Melekão foi o primeiro), Filosofia (Grego foi o primeiro), Direito (Ronaldão foi o primeiro), Matemática (Confúcio foi o primeiro), bem como tivemos como amigos moradores vindos dos novos cursos de Engenharia implantados na Universidade, como foi o caso de Engenharia de Produção cujos aquarianos primeiros nessa nova fase foram o In-Branco e o Santa Rita.

A UFOP vivia o momento do início da criação de novos cursos, mas o seu DCE funcionava apenas por causa do trabalho do Bode da Pulgatório, do Kadron e do Magiclick da Aquarius e algumas outras poucas pessoas. Sei que Confúcio

mais adiante se integrou ao DCE que havia sido formado. Essa ausência de um movimento estudantil atuante foi um grande lacuna na vida universitária ouro-pretana.

Nesse trabalho do DCE passamos a colaborar, porque percebíamos o quanto a República deveria apoiar as pessoas que moravam ali envolvidas no movimento estudantil.

Foi nesse movimento estudantil e nesse momento que conheci melhor a UFOP, porque passei a ser o representante dos estudantes da universidade no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) um pouco depois e por um ano de atuação.

Também foi o período que tive contato pela primeira vez com a solenidade do 21 de abril, que sempre foi marcada por protestos contra o governos federais e estaduais.

O Festival de Inverno da UFMG que naquele tempo era promovido em Ouro Preto em todo mês de julho foi um salto na minha formação cultural e de todas as gerações que tiveram essa oportunidade única, porque tive ali contato com todas as artes ou com diversas pessoas que vinham aprender, ensinar ou mesmo apreciar aquela maravilha de evento.

Na República tínhamos um esquema de turismo para receber os turistas que queriam ficar durante o Festival de Inverno. Como não viajei naquele período e alguém tinha que assumir responsabilidades na hora de receber os turistas e arrecadar uma taxa simbólica para a caixinha da república, então Bulaxo e eu fomos os responsáveis por aquela tarefa por quase todo o período do festival⁶⁹.

⁶⁹ Num dos Festivais de Inverno o Kadron e a Cristina (então namorada do Deu-7) alugaram um porão na Rua Direita e montaram um bar que funcionou durante todo o período do evento, praticamente um mês de julho inteiro.

O fato de viver numa República com tantas pessoas também ajudava a compreender melhor as diversas culturas do País, porque tínhamos pessoas que nasceram praticamente em todas as regiões do País e foram justamente morar ali conosco.

No nosso tempo de Aquarius também tivemos a visita do cartunista Ziraldo, que escolheu as Repúblicas da Rua do Paraná (Pulgatório, Nau sem Rumo, Aquarius e Ninho do Amor) como o cenário para se contar um pouco da importância das repúblicas para Ouro Preto na história de Minas Gerais. Foi para um programa da TV Cultura.

Outro fator importante foi a convivência com diversas áreas do conhecimento (Humanas, Exatas e Biológicas), mas também com pessoas que desempenhavam as mais diversas atividades na UFOP ou mesmo na cidade de Ouro Preto, como foi o caso do Baé, do Chaminé, do Bóia, do BH, do Kadron, do Mulambo e de outros aquarianos que lecionavam nas escolas municipais e estaduais da região, nos cursinhos, nas monitorias da Universidade ou em aulas particulares.

Na convivência desses aquarianos com as pessoas da cidade a República também participava, porque vários *nativos* freqüentaram a casa, inclusive nos eventos sociais que organizávamos.

A relação com os *nativos* eram importantes, porque eram eles que nos falavam melhor da cidade em que nasceram, inclusive dando dicas de lugares interessantes para se visitar. Talvez um das críticas a muitos de nós republicanos é não dar o devido valor à cidade através do convívio com sua cultura, seus lugares, suas pessoas.

Mas quem aproveitou, aproveitou. Quem conheceu, conheceu, porque uma coisa é conhecer a cidade enquanto estudante, a outra, como ex-aluno. Como ex-aluno a pressa

pode ser a grande estraga prazer, porque Ouro Preto fica para sempre como uma cidade de passagem e não de vivência.

Mas é importante salientar que Ouro Preto não se resume à Praça Tiradentes e ao CAEM-REMOP. Tem muito mais.

Lembro-me de ter ido à Cachoeira das Andorinhas algumas vezes, inclusive com algumas turistas e aquarianos. Lembro-me das turistas e não consegui puxar da memória quem eram os meus amigos que lá estiveram conosco.

Talvez o passeio mais fantástico tenha sido a nossa ao Pico do Itacolomy, na ocasião apenas três aquarianos solitários, porque as garotas que estavam hospedadas na República não se animaram a ir conosco quase na virada de ano. Fomos Baé, Delta T e eu. É linda a visão de Ouro Preto lá do alto, bem como os rochedos que subimos e descemos diversas vezes.

Depois de uma caminhada de mais ou menos duas horas chegamos lá, armamos a barraca, buscamos água num laguinho e foi o tempo de entrarmos tentando descansar um pouco para a escuridão aparecer. Fizemos o lanche, bebemos alguma coisa e ficamos ali conversando boa parte da noite até o sono chegar. De madrugada veio o susto com o uivo de lobos que a cada momento ficava próximo de onde estávamos. A palavra de ordem foi ficar calados e só reagirmos se a barraca fosse invadida. No outro dia que percebemos que se tratava de uma loba e seus filhotes pelas pegadas no chão. Até hoje guardo a fotografia do pé do Baé ao lado das marcas dos lobos, o que só indica que a mãe dos lobinhos era muito grandinha.

Outros passeios também foram importantes, como a Lavras Novas, quando uma vez fomos o Ceará (ex-aluno), Deu-7, Finim, Tixico e eu. Também fui novamente ao Tripui

com o Confúcio quando fomos de bicicleta “apostando corrida”. Ou revisei a Chapada com o Mulambo de bicicleta. Eram momentos esportivos e de camaradagem esses percursos.

Mas essa relação com a comunidade não ficou apenas nas amizades e nas aulas dos nossos queridos aquarianos, porque Mulambo incentivou um dos seus alunos que vinha de um distrito pobre de Ouro Preto (Santa Rita Durão) – o Santa Rita que hoje é um ex-aluno – a fazer cursinho morando na Aquarius como cascudo, a prestar vestibular para Engenharia na UFOP e a se tornar um “aquariano” de fato.

É importante registrar que Mulambo depois como ex-aluno também estimulou um dos seus alunos da Escola Técnica em Juiz de Fora a prestar vestibular na UFOP e a morar na Aquarius, o Vida-Seca (atual morador da Aquarius que se encontra agora no início de 2012 num intercâmbio em Portugal).

Mas as aulas de cidadania produzidas pela Aquarius não se reduziram a seus moradores exclusivamente como artífices e participantes, porque por sugestão do Boinha realizamos durante dois anos a “Campanha Solidariedade Ufopiana”. Lembro-me que a República toda se envolveu, mas o próprio Boinha, o Cebola, o Kadron, Rôia, o Delta, o Recente, o Stôpa, o Juca Cipó e vários outros se integraram naquilo que significou a solidariedade dos estudantes da UFOP com as pessoas necessitadas atendidas pelo Lar São Vicente de Paula.

Outra aula de cidadania foi receber diversas excursões de estudantes universitários ou secundaristas que se hospedaram na república no nosso período, pois fomos nós que permitimos que visitassem a cidade com um custo muito

baixo e até com nossa orientação sobre a cidade em várias vezes.

Podem-se considerar aulas de cidadania as festas que organizamos, como o 12 de outubro e a festa dos 30 anos da Aquarius, porque tivemos um grande trabalho em localizar os antigos ex-alunos que não mais vinham à República e tiveram a oportunidade de retornar com todas as homenagens e reverências possíveis. Foi a nossa geração que também iniciou a série de homenagens na Festa do 12 de Outubro, sendo na primeira que organizamos inaugurados os quadrinhos de Dona Regina, de Dona Jandira e da amiga Cláudia como pessoas homenageadas da Aquarius. Tantas outras vieram depois que saímos, como é o caso da Fernanda, por exemplo.

Na festa dos 30 anos o Pita foi o foi o grande mestre de cerimônias e animador da festa, o que possibilitou a animação aos ex-alunos, moradores, colegas republicanas (os), pessoas amigas da cidade de Ouro Preto e muitos outros convidados.

Também foi nessa festa dos 30 anos que pela primeira vez afixamos uma placa na parede da República, o que já era tradição em tantas outras repúblicas. Fui o responsável em bolar o primeiro texto, que também teve incorporados as sugestões dos moradores. Foi escrito o seguinte nessa placa:

“Aquarius 30 Anos (1969-1999)

Nesta data, comemoramos 30 anos de fundação. Anos de luta, sonhos, construção, aprendizagem e ousadia. Temos a certeza de que não passamos por aqui impunemente. E que valerá sempre a pena ser aquariano”. Homenagem dos aquarianos de hoje. BH, Tixico, Chaminé, Finim, Mulambo,

Maruzzo, Juca Cipó, Delta T, Jaka, Bulaxo, Taruíra, Índio, Stôpa, Lizin, Confúcio, Morceção, Pisquilha, Jamanta, Cebola, K-Britão e bixos. Ouro Preto, 05 de Setembro de 1999”.

A Festa dos 30 anos marcou a virada para um outro momento da Aquarius, porque a partir dali muitos das gerações passadas estavam se formando ou já se formaram, coincidindo com a entrada de mais estudantes que vivenciaram um novo momento do ensino universitário na cidade. Eu mesmo me formei um ano depois dessa festa.

Também estava na República quando aconteceu a grande obra na área de frente a boate, quando foi ampliado o espaço junto à parede do barracão de cima com a feitura de uma laje.

Num dos dias de quebra das muretas o pessoal começou também a pintar e a desenhar naquele espaço que era todo da cor amarela. Me parece que foi Baé quem começou a brincadeira, seguido de tantos outros “artistas”. Mas uma brincadeira que deu certo, porque não teve nesse dia um aquariano que não desse sua “pintada” ali. A arte ficou fantástica para, finalmente, que tivesse naquela área escura e sem tonalidades algo realmente muito mais agradável.

Nesse dia quase todo o pessoal da República desceu, pois também foi feita uma confraternização com churrasco e cerveja. Pelas fotos que tiramos estavam nesse início da pintura o Santa Rita, o Mulambo, o K-Britão, o Maruzzo, o Cebola, o Confúcio, o Pisquilha, o Stôpa, o Jamanta, o Ferrugem, o Canguru, o Morceção e tantos outros.

Promoveu-se ali um importante espaço de convívio e de lazer dos aquarianos tão quão importante foi a sala da

República nos anos 1970. Foi um grande avanço, mesmo. Lembro-me que o Taruira trouxe da casa dos seus pais uma mesa de sinuca que ficou nesse espaço. Aquilo foi uma grande atração por um bom tempo. Foi ali também que muitas bandas tocaram, também.

Mas os meus contemporâneos também deixamos heranças importantes na marca histórica da casa além da primeira placa que eu e tantos outros contribuímos, como a segunda foto de época, o primeiro esboço de um site da Aquarius (que foi desenvolvido pelo Bulaxo), prêmios memoráveis como o 1º lugar do Miss Bixo recebido pelo Ronaldão (que foi fantasiado de Mister M), o mapa de Ouro Preto desenvolvido pelo Ex-Aluno Join e o Bakana (com a ajuda do Bulaxo, do Índio, do Bagaçu e outros aquarianos), um perfil da Aquarius no catálogo dos 30 anos da Aquarius batalhado por mim, a logomarca e arte final da festa dos 30 anos (produzidos pelo ex-aluno Rafael Ayres da Pós Imagem Design) e tantas outras artes que aprendemos na Aquarius vendo ou praticando no dia a dia.

Alguns tentaram aprender e ainda continuam tentando até hoje, como muitos que até hoje não sabem jogar futebol, tirar uma boa foto, tocar um bom pagode, conquistar bem uma garota e tantas outras artes e ofícios nos mais diversos aspectos e áreas. Só não deixamos de aprender e ensinar a arte da convivência, do respeito, da generosidade, da paciência e do amor pela nossa Casa Aquarius. Nisso todos nós tiramos de letra e aprendemos com sobra. Não conheço nenhum “aquariano” que não tenha isso fixado em si.

Se alguns de nós não conseguimos tirar dez em todas essas artes que indubitavelmente é impossível deixar de aprender, talvez um 9 ou 9 e meio tiramos até hoje com isso,

porque não existe “aquariano” melhor ou pior”, porque se é “aquariano” vem da melhor espécie.

Talvez essa tenha sido a maior lição que tirei da Aquarius: todos são importantes, mesmo os que não se manifestam de imediato ou são percebidos assim. Não existe espaço para o preconceito, o rebaixamento, a inutilização ou o abandono do ser humano. Todos contribuem a sua maneira, na hora certa e na medida em que se sentem estimulados a agir assim.

A República foi mudando, construindo, aperfeiçoando e conquistando mais espaços para os “aquarianos”. Se considerarmos que as mudanças ocorrem num determinado tempo relativamente longo, também posso salientar que a geração atual é que de fato está vivenciando o que foi pensado lá atrás por muitos de nós, como os que pretendíamos a abertura de novas vagas para os mais diversos cursos da UFOP, a ampliação da integração com todas as repúblicas estudantis da cidade, a construção de mais espaços de integração na casa e tantas outras questões que só quem morou de fato numa república poderá imaginar como pontos fundamentais para a melhoria do sistema estudantil de Ouro Preto.

As minhas lembranças da Aquarius estão associadas à observação que faço do que hoje os atuais moradores estão apresentando como atividades em favor da nossa eterna Casa. A cada nova notícia que recebo de lá tento compreender a situação atual e tento me colocar no lugar de cada morador atual. Suas escolhas no momento não estão para serem julgadas pelos ex-alunos, mas sim para serem compreendidas e respeitadas, porque são seres autônomos e conscientes da sua missão. Todos foram preparados para enfrentar desafios!

Um livro, um reencontro

O primeiro livro sobre a Aquarius agora publicado não vai esgotar o meu constante desejo de reencontrar com as pessoas que tive o primeiro contato lá atrás, pois até hoje representam a alma da maior experiência que tive como ser humano.

As facilidades tecnológicas como o *facebook* possibilita a troca de mensagens e de conteúdos sobre a história e o presente da República Aquarius, mas é fundamental que trabalhos como esse livro permitam a todas as gerações de aquarianos se reencontrem e se animem sobre a necessidade de tornar a sua passagem por Ouro Preto como algo sempre prazeroso de se lembrar e de se repassar a todas as pessoas que nos cercam. O ideal seria importante “cobrar” de todos que moraram em casas de estudantes, seja nas repúblicas de Ouro Preto, seja nas casas de estudantes de Recife, São Paulo ou em qualquer outro lugar das Américas, também a sua parcela de apoio nesse momento crucial nas moradias universitárias com o aumento significativo do número de estudantes egressos e a grande mobilidade propiciada pelos intercâmbios entre as universidades brasileiras e as estrangeiras.

Também é fundamental aumentar o intercâmbio entre os moradores e ex-moradores das repúblicas. Na nossa época tivemos a grande oportunidade de ir a eventos sociais a convite de ex-alunos, como o inesquecível casamento do ex-aluno Pita. Também fomos ao casamento do então morador Jamanta, assim como a eventos de solidariedade a colegas que

passaram por perdas inesperadas, como foi o caso do falecimento da mãe do nosso colega morador Finim.

Outras experiências dignas de citar são as hospedagens que fazíamos na casa de colegas moradores ou de ex-alunos. Acredito que Pardal foi o nosso colega da época que mais esteve visitando as casas dos nossos colegas moradores naquele período, seja feriados prolongados, seja nos períodos de férias. Eu posso dizer que também tive meu destaque ao me hospedar nas casas de ex-alunos ou até de moradores da Aquarius, porque estive na casa do Rafael (Rio de Janeiro), do Campolina (em Brasília), do Magiclik (em Belo Horizonte), do Pardal (em Serra), dentre outros. Sem contar as visitas rápidas que fizemos em diversos locais.

Talvez o livro venha me fazer reencontrar com diversos aquarianos que não vejo de longa data, mas que também contribua com a aproximação de todos com a nossa Aquarius. Que também estimule novos livros e vários reencontros, porque sem retribuição ao que tivemos a satisfação de fazer parte nada será satisfatório.

O livro também vai ajudar os estudantes de hoje ao fazê-los perceberem que, quando da escolha de qual moradia universitária, também irão optar por uma diferença ou não na sua formação profissional. Como disse uma vez o grande professor e amigo português Elísio Estanque (Universidade de Coimbra) numa conversa que tivemos sobre as repúblicas de Coimbra (Portugal): nós podemos até escolher com quem iremos morar, mas dificilmente vamos escolher com quem iremos trabalhar. Aí está dada uma opção de ser feliz e crescer, as repúblicas. Aí está uma escolha que a primeira vista possa parecer a mais difícil, mas na vida vem facilmente. Ousem!

Um até logo ...

“Ser um aquariano em seu próprio território. É isto aí!!! Não pode parar!!!” (Joaquim Pedro de Toledo, Castor, Ex-Aluno da República Aquarius)

Quem mora em repúblicas sempre vai estar acostumado com um até logo ou um até mais. Na obra que organizamos aqui sobre a Aquarius não foi diferente, pois sei que também tantas outras vezes estarei falando, escrevendo ou narrando alguma história sobre a República Aquarius, mesmo com a dificuldade peculiar que é a de trabalhar com lembranças e emoções, assim como a inconstância para se conseguir fechar algo que nunca será definitivo.

Muitos outros assuntos certamente não foram tratados no livro, como é o caso dos filhos ou de casamentos construídos a partir das relações por pessoas que se encontraram na Aquarius.

Citaria o filho de Cláudia com o Ex-Aluno Pedro, cujo Pedrinho mantém atualmente uma relação constante com os atuais moradores da Aquarius, sem contar o Pardal que casou com uma filha de ex-aluno ou tantos outros “aquarianos” que conheceram sua esposa por causa da República, como é o caso do Campolina, do Marcin, do Stôpa, do Taruíra e tantos outros mais.

O esquecimento de tantos nomes e fatos que marcaram a nossa vida na República será nesse livro o seu grande estímulo para melhorias numa outra edição. Mas não poderia fechar o livro porque ainda me lembro dos vizinhos da nossa irmã República Ninho do Amor, como o Beija-Flor, o

Cardeal, o Jaburu, o Garnizé, o Araponga, o Coruja, o Condor, o Cuco, o Uirapuru e tantos outros moradores que sempre prestigiaram a nossa Casa e também permitiram que também prestigiássemos a sua.

Da República Nau sem Rumo também uma imensidão de nomes me vem a mente, mas vou citar apenas alguns porque não me lembrarei de todos, como é o caso do Modys, do Karijó, do UHF, do Grizay, do Há-k-ro, do Bulldog, do Tuitar, do Dino, do Zikizira, do Ameba, do Sapão, do Pigmeu, do Bokassa, do Puxadinho, do Lobato e tantos outros.

A amizade com muitas repúblicas era a característica da Aquarius do meu tempo, principalmente com algumas mais próximas que sempre enviavam seus moradores para os *rankas* do Bêra, as nossas festividades ou no dia-a-dia dos estudantes. Além da Nau e da Ninho, as nossas vizinhas de parede, também as pessoas da Pulgatório, da Necrotério, da Tabu, da Gaiola, da Adega e de tantas outras repúblicas sempre eram presentes constantes na Aquarius.

Não poderia deixar de registrar o quanto de amigas que também fizemos nas festas e que passaram a freqüentar com assiduidade a nossa República, como as meninas de BH-Contagem: Patrícia, Dinna, Liliane, Pâmela, Rosenildes e tantas outras desse grupo.

A dificuldade de juntar esse material riquíssimo que foi apresentado aqui foi enorme, mas quando passamos a morar numa casa como a Aquarius aprendemos a transformar as dificuldades em desafios, os sonhos em realidade e a nossa vida como parte da vida de outras pessoas.

A saudade da época da minha graduação na República Aquarius é grande, mas a cada caminhada só percebemos que a República nunca esteve longe da gente, porque ela faz parte e trazemos o que aprendemos nela todo dia.

Não é possível imaginar pessoa mais indicada para escrever este livro. O professor Otávio Luiz Machado (ex-aluno Jaka), apaixonado pelos movimentos estudantis e pela juventude brasileira, compreende como poucos a experiência que se tem em um ambiente tão rico e peculiar como as repúblicas federais de Ouro Preto. Essa compreensão se dá não apenas pelos anos que passou na Aquarius enquanto morador, mas também pela sua incessante busca de conhecimento sobre o assunto (Atuais moradores da República Aquarius de Ouro Preto).

OTÁVIO LUIZ MACHADO

É professor universitário, pesquisador, escritor e documentarista. É graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É ex-aluno da República Aquarius com muito orgulho, que é uma casa na qual a gratidão que temos é enorme.

PRINCIPAIS OBRAS DO AUTOR

Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas;
Múltiplas juventudes: Protestos Públicos e as Novas Estratégias de Mobilização;
Movimentos Estudantis, Formação Profissional e a Construção de um Projeto de País.

